

# Comentários sobre “Black Flame”

Reflexões sobre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário

Sobre as obras de Michael Schmidt e Lucien van der Walt<sup>1</sup>, Felipe Corrêa<sup>2</sup> e Edilene Toledo<sup>3</sup>

René Berthier

2014-2017

“Na maior parte (mas não exclusivamente) usamos fontes em inglês. Isto pode introduzir dois vieses principais: negligenciamos alguns trabalhos cruciais em outras línguas; e algumas regiões e questões são melhor abordadas na literatura de língua inglesa do que outras. Tentamos ser o mais abrangentes possível. Certamente, alguns dos argumentos apresentados aqui serão controversos. Isso é uma coisa boa. Uma boa pesquisa progride por meio do debate e não da criação de ortodoxias. Se este livro conseguir promover novas pesquisas sobre o anarquismo, mesmo que essas pesquisas contradigam nossos argumentos, consideramos que fizemos um bom trabalho. Da mesma forma, acreditamos que o debate é essencial para o desenvolvimento de qualquer tradição política e esperamos que este trabalho contribua proveitosamente para refinar perspectivas dentro da Ampla Tradição *Anarquista*.”  
*Black Flame*, pp. 27-28

Em 2012, um jovem historiador brasileiro, Felipe Corrêa, conduziu-me uma longa entrevista que intitulou “Teoria política e método de análise no pensamento de Bakunin”<sup>4</sup>, que pode ser encontrado em francês no site *monde-nouveau.net*<sup>5</sup> e em português no site *ithanarquista*.<sup>6</sup> Foi por sugestão de Corrêa que li *Black Flame*, escrito por dois autores sul-africanos, Michael Schmidt e Lucien van der

---

<sup>1</sup> *Black Flame*, AK Press, 2009.

<sup>2</sup> “Anarquismo e sindicalismo revolucionário”, in *Idéologia e estratégia, Anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. Faísca Publicações Libertárias, 2011.

<sup>3</sup> *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

<sup>4</sup> Publicado em *Actualité de Bakounine 1814-2014*, obra coletiva, Éditions du Monde libertaire, 2014.

<sup>5</sup> <http://monde-nouveau.net/spip.php?article402>

<sup>6</sup> <https://ithanarquista.wordpress.com/2014/11/27/rene-berthier-theoria-politica-e-methodo-de-analise-no-pensamento-de-bakunin-entrevista/>

Walt<sup>7</sup>, com quem compartilha a maioria das teses – exceto no que diz respeito a Proudhon.

Embora este livro seja de grande interesse porque condensa em uma única obra uma grande quantidade de informações sobre a história do movimento libertário internacional, ele permanece muito questionável devido às escolhas metodológicas adotadas e à “invenção” de um certo número de conceitos que me parecem totalmente inoperantes.

Felipe Corrêa é, sem dúvida, um dos propagadores no Brasil, e talvez na América Latina, das teses de Michael Schmidt e Lucien van der Walt; Ele escreveu vários estudos nessa função, um dos quais me chamou a atenção: “Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário, uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, baseada nas visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis”.<sup>8</sup> Neste texto ele faz um comentário crítico, “a luz” do livro de Michael Schmidt e Lucien van der Walt, sobre um estudo da pesquisadora brasileira Edilene Toledo: *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*.<sup>9</sup> Corrêa também comenta outra obra, *Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, anarquismo e sindicalismo revolucionário nos dois mundos*, de Alexandre Samis, mas em grau bem menor.<sup>10</sup>

Este texto deve ser considerado uma espécie de deambulação entre as posições defendidas pelo artigo de Corrêa, o livro de Schmidt/van der Walt e o de Edilene Toledo, com algumas paradas em Samis. Esses diferentes textos revelam visões do anarquismo e do sindicalismo revolucionário que considero necessário comentar à luz das minhas próprias reflexões e da minha própria experiência que, ao longo dos anos e talvez também com uma certa forma de “maturação”, tendem a afastar-se cada vez mais das ideias habitualmente aceites tanto pelos activistas como pelos investigadores. Assim como um comentário crítico sobre os autores acima mencionados, meu trabalho também será uma tentativa de questionar opiniões que me parecem ser ideias recebidas sobre a história e a teoria do movimento libertário e do sindicalismo revolucionário.

Este trabalho foi interrompido e retomado muitas vezes porque questões mais imediatas me mantiveram ocupado. Pode haver algumas repetições. Peço desculpas aos leitores. Gostaria de acrescentar que minhas divagações pelas obras

---

<sup>7</sup> 2009, AK Press.

<sup>8</sup> “Anarquismo e sindicalismo revolucionário, um exame crítico do livro de Edilene Toledo, baseado nas posições de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis”.

<https://ithanarquista.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/felipe-corr3aaa-anarquismo-e-sindicalismo-revolucion3a1rio.pdf>

<sup>9</sup> Editora: Fundação Perseu Abramo (1 janeiro 2004)

<sup>10</sup> Alexandre Samis, *Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, anarquismo e sindicalismo revolucionário nos dois mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009. Falarei pouco neste estudo do livro de Samis porque não tenho muito a dizer sobre ele, no sentido de

desses autores brasileiros e sul-africanos foram extremamente proveitosas e enriquecedoras para mim.

Acima de tudo, peço aos leitores portugueses que perdoem meu conhecimento imperfeito do idioma.

Um dos primeiros pontos que Corrêa me perguntou – e no qual discordamos – foi justamente a noção de ideologia. Ele realmente acha que o anarquismo é uma ideologia. Salientei que a noção de ideologia pode ser entendida de várias maneiras:

1. “É um conjunto de ideias filosóficas, sociais, políticas, morais, religiosas, próprias de um grupo, de uma classe social ou de uma época. É um sistema de ideias, opiniões e crenças que forma uma doutrina que pode influenciar comportamentos individuais ou coletivos.”<sup>11</sup>

2. “Uma doutrina política que fornece um sistema único e coerente de representação e de explicação do mundo, aceito sem reflexão crítica.”

3. Na entrevista, adoto o ponto de vista de Marx sobre ideologia: “um sistema de opiniões que serve aos interesses de uma classe social e que leva a uma percepção distorcida da realidade social, econômica e política, específica dessa classe”. Talvez seja meu longo conhecimento de Marx que me leva a essa definição e, se a seguirmos, concluiremos que o anarquismo não é uma ideologia, mas uma doutrina política.

Eu deveria ter acrescentado que muitas vezes a noção de ideologia é confundida com a de doutrina: falamos de “ideologia anarquista” – erroneamente – em vez de falar de “doutrina anarquista”. Acredito que o anarquismo é uma *doutrina*, isto é, um corpus teórico que define um certo número de princípios que nos permitem interpretar fatos e orientar a ação – incluindo princípios morais.

Parece que Felipe Corrêa adotou uma definição próxima à primeira que dou. Além disso, as duas definições não são incompatíveis, mas a noção de ideologia é mais imprecisa. Eu tendo a favorecer a definição de Marx, mas como frequentemente falaremos sobre “ideologia” tomada no sentido de “doutrina”, vou concordar com o uso. Nesta entrevista, Felipe Corrêa definiu a noção de ideologia da seguinte forma:

---

que é uma obra baseada num método perfeitamente histórico e que, tirando as passagens em que preenche a minha ignorância sobre o assunto que trata, não tenho divergências sobre os pontos em que posso ter alguma luz. O leitor não ficará surpreso, portanto, que eu me refira a Samis acima de tudo para apoiar meu próprio ponto de vista...

<sup>11</sup> Berthier, “teoria política et metodo de analise no pensamento de Bakunin, <https://ithanarquista.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/11/renc3a9-berthier-teoria-polc3adtica-e-mc3a9todo-de-anc3a1lise-no-pensamento-de-bakunin.pdf>

“Não utilizamos o sentido de ideologia tal como a definem Marx e Jaspers, mas como ‘um conjunto de ideias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação’, o que é próximo daquilo que você define como doutrina.”<sup>12</sup>

Acho que ao definir o anarquismo como uma ideologia, criamos confusão, falta-nos precisão. Quando falamos de “ideologia burguesa”, estamos falando do conjunto de valores que regem o comportamento e o pensamento de uma *classe social*, ou em qualquer caso de uma fração significativa de uma classe social. Esta classe social corresponde a uma ou mais *doutrinas*: liberalismo, neoliberalismo, livre comércio, protecionismo, etc.

Corrêa afirma que a definição de anarquismo de Schmidt & van der Walt é relevante porque “considera o anarquismo como uma ideologia [*Enfatizo*], um tipo de socialismo revolucionário, que surge no século XIX colocando-se no campo social e sem desconsiderar as desigualdades da sociedade, e por isso tem uma herança histórica, ideológica e teórica determinada.”<sup>13</sup> Tal declaração é, na minha opinião, uma interpretação equivocada dos dois autores sul-africanos, porque um exame cuidadoso do livro deles mostra inequivocamente que o anarquismo nunca é *definido* em *Black Flame* como uma *ideologia*, mas *sempre* como uma *doutrina*.<sup>14</sup>

*Black Flame*, de Michael Schmidt e Lucien van der Walt, provocou muitas reações, tanto positivas quanto negativas, no mundo de língua inglesa, mas também na América Latina, onde foi traduzido, mas praticamente nenhuma na França, já que não está disponível em francês. Infelizmente, é improvável que isso aconteça agora, já que um dos autores, Michael Schmidt, foi acusado de simpatia pela extrema direita e pelo “anarquismo nacional”, seja lá o que isso signifique. Isto coloca um problema metodológico: faz sentido comentar as teses de um livro em que um dos coautores é alvo de acusações infames?

Eu responderia: sim, por várias razões e sob certas condições:

- *Black Flame* nunca deixa transparecer as ideias pelas quais é acusado, a ponto de alguém se perguntar se ele realmente contribuiu para o trabalho.
- O livro foi coescrito com outro autor contra o qual nenhuma acusação foi feita.

---

<sup>12</sup> Berthier, “teoria política et metodo de analise no pensamento de Bakunin”, *loc. cit.*

<sup>13</sup> Felipe Corrêa, *Anarquismo e sindicalismo revolucionario, Uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis*, <https://ithanarquista.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/felipe-corr3aaa-anarquismo-e-sindicalismo-revolucion3a1rio.pdf>

<sup>14</sup> Veja páginas 19, 33, 34, 37, 40, 46, 72, 77, 124, etc.

O que levanta duas questões:

1. Como pode um autor cujas simpatias racistas parecem comprovadas ter trabalhado durante vários anos em um livro que trata do movimento libertário sem que sua obra revele essas simpatias?

2. Como o outro autor desta obra pôde ter colaborado durante anos com seu coautor sem perceber as inclinações do colega? E se ele soubesse, como poderia continuar trabalhando com ele?

Não conhecendo os segredos dos Deuses e não querendo me envolver em um julgamento de intenções, não tomarei posição neste debate: simplesmente registrarei a existência deste livro e o impacto que ele teve em uma parte do movimento libertário latino-americano. Optei, portanto, por ignorar a situação de Michael Schmidt e me ater ao conteúdo do livro, que, no entanto, continuará sendo uma referência na medida em que fornece informações sem precedentes sobre o movimento anarquista internacional. Posso imaginar o constrangimento de Lucien Van der Walt diante dessa situação, que poderia invalidar o conteúdo de *Black Flame aos olhos de grande parte da opinião pública* e reduzir anos de trabalho a nada.

Meus pensamentos críticos sobre *Black Flame* não se concentram na quantidade excepcional de informações que o livro contém sobre o movimento libertário e revolucionário internacional. Não há dúvida de que esta obra, quaisquer que sejam as reservas que se possam ter quanto à metodologia empregada, é uma contribuição excepcional à historiografia do anarquismo.

No centro do livro está a preocupação em fornecer uma definição de anarquismo. O resultado é bastante decepcionante porque, depois de terminar de ler o livro, você tem a impressão de que lhe disseram o que o anarquismo *não é*. Schmidt e van der Walt têm uma posição completamente desprovida de nuances em um campo onde é difícil discursar com precisão matemática. Veremos que nas reflexões que estou realizando, a dificuldade está no fato de que nem sempre estamos lidando com um quadro comum que nos permita chegar a definições aceitas por todos. Resumindo, nem todo mundo está falando da mesma coisa. Uma solução conveniente para esse problema seria definir que somente “minhas” definições são boas, excluindo as demais. É isso que aparece em *Black Flame*, onde afirmações subjetivas e hipóteses peremptórias estão frequentemente interligadas. Os autores nos dizem então que “o aspecto mais importante do anarquismo sempre foi o sindicalismo”, o que é *historicamente falso*. Talvez seja isso que Schmidt e van der Walt *gostariam*, mas não é a realidade: veremos que o anarquismo original surgiu da AIT como uma corrente insurrecionalista e antissindical, contrariando totalmente as instruções de Bakunin. Schmidt e van der Walt afirmam querer desenvolver “uma compreensão da doutrina do anarquismo e suas origens”, mas grande parte de seus argumentos é baseada em afirmações infundadas.

A ambição dos autores de *Black Flame* é mostrar que não podemos entender a

história moderna se não falarmos de anarquismo e sindicalismo revolucionário. O livro tem como objetivo examinar as ligações entre o anarquismo e outras ideias: as de Proudhon (que os autores não consideram anarquista), o marxismo clássico e o liberalismo econômico. Ele explora a relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário e examina os principais debates estratégicos e táticos do movimento. Em particular, *Black Flame* mostra que o movimento libertário é um fato internacional que não pode ser realmente compreendido se limitarmos o exame ao anarquismo ocidental, como é o caso da maioria das obras sobre o assunto. Neste ponto concordamos: o anarquismo é, sem dúvida, um fenômeno internacional, e Schmidt e van der Walt estão absolutamente certos em insistir neste fato.<sup>15</sup> Os autores de *Black Flame* reconhecem que o anarquismo “surgiu dentro do movimento socialista e operário há 150 anos”, que é “um produto da modernidade” e que “surgiu no contexto da revolução industrial e da ascensão do capitalismo”.<sup>16</sup> Isso delimita com bastante precisão a área geográfica onde o anarquismo *surgiu*.

No entanto, parece-me necessário fazer algumas observações sobre as escolhas metodológicas adotadas relativamente a pelo menos quatro pontos:

- A definição de anarquismo;
- O conceito de *Tradição Anarquista Ampla*;
- A “data de nascimento” do sindicalismo revolucionário e a sua percepção como “estratégia” do anarquismo;
- A distinção entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo.

É verdade que, durante muito tempo, os militantes anarquistas estavam interessados apenas em fatos relacionados à história de seu próprio movimento e recapitulavam a Comuna de Paris, a Revolução Russa, a Makhnovtchina, a Guerra Civil Espanhola, Kronstadt, etc. No entanto, os sindicalistas revolucionários, entre os quais os anarquistas eram proeminentes, criaram, por meio de suas organizações sindicais, publicações de informação internacional das quais os militantes podiam extrair informações inestimáveis sobre o movimento internacional dos trabalhadores revolucionários.<sup>17</sup> Autores de língua inglesa que trabalham com anarquismo e sindicalismo revolucionário ficam um tanto

---

<sup>15</sup> O livro de Michael Schmidt e Lucien van der Walt poderia ter mencionado vantajosamente o trabalho de Philippe Pelletier sobre o anarquismo japonês, notadamente “Ôsugi Sakae, A Quintessência do Anarquismo no Japão”. Em: *Ebisu*, No. 28, 2002. pp. 93-118. Este estudo aborda uma questão que pode ter interessado aos autores de *Black Flame*: no capítulo “Importação ou espontaneidade do anarquismo no Japão?” Pelletier explica que “o anarquismo, por meio de sua aspiração à liberdade, à emancipação individual e coletiva (...) se baseia em um princípio universalista e em um propósito universal: seu projeto social é válido em todos os tempos e em todos os lugares”, mas, ele especifica, “os espaços e as histórias não são homogêneos. De fato, a formulação teórica e prática do anarquismo

prejudicados se não conseguem acessar fontes em francês, espanhol ou italiano.<sup>18</sup>  
É chato.

## Observação

Este documento não pretende ser uma história dos movimentos anarquistas e sindicalistas revolucionários franceses ou brasileiros. Os eventos históricos mencionados são mencionados apenas na medida em que se enquadram na minha reflexão sobre as teses e a metodologia de *Black Flame* e da obra de Edilene Toledo examinadas aqui. Após a Revolução Russa, o movimento anarquista francês teve uma presença militante e organizada real e desempenharia um papel importante na luta contra o fascismo, no apoio às lutas sociais, no apoio à revolução espanhola. Ele terá uma presença militante real durante as greves da Frente Popular.

\*\*\*\*\*

## PRIMEIRA PARTE: MICHAEL SCHMIDT E LUCIEN VAN DER WALT

Em seu livro, Michael Schmidt e Lucien van der Walt usam o que chamo de abordagem ideológica da história do movimento anarquista. Com isso, entendo uma abordagem que consiste em ter uma ideia preconcebida sobre um acontecimento histórico e o significado que se deve dar a esse acontecimento, buscando então argumentos que possam contribuir para confirmar essa ideia preconcebida. A abordagem histórica de um fenômeno consiste essencialmente na utilização de textos do período, eventualmente depoimentos de pessoas envolvidas nos eventos estudados. Dessa forma, *Black Flame* carece dramaticamente de textos que apoiem a ideia de que o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” ou uma “variante” do anarquismo. Mas há uma mina quase inesgotável de textos de época, nenhum dos quais confirma sua tese.<sup>19</sup>

Feita esta constatação, resta buscar as razões que levaram dois autores que realizaram um trabalho considerável e, no entanto, muito interessante, a desenvolver tais teses.

Em contrapartida, o livro de Edilene Toledo sobre o anarquismo e o

---

corresponde a um contexto particular: a ascensão do capitalismo industrial e a criação do proletariado (...) que dizem respeito principalmente aos países industrializados da Europa Ocidental. A isto se acrescenta outro aspecto: um processo já bem encaminhado de secularização da sociedade, condição praticamente prévia para qualquer expansão do ‘nem Deus nem senhor’ que é, por exemplo, apenas embrionário nos países islâmicos...” Pelletier conclui: “O Japão na primeira metade do século XX século se encontra nessa configuração? A resposta pode ser amplamente positiva.”

<sup>16</sup> *Black Flame*, pág. 72.

sindicalismo revolucionário em São Paulo durante a Primeira República<sup>20</sup> faz uma abordagem histórica, mas, como veremos, não é isento de pressupostos que considero lamentáveis. Devo dizer, no entanto, que muitas vezes concordo com o que ele diz. O fato de Corrêa ter escolhido comentar o livro de Toledo “a luz” do de Schmidt e Van der Walt se explica pelo fato de Toledo adotar uma visão exatamente oposta às teses dos dois autores sul-africanos ao dissociar sistematicamente o anarquismo do sindicalismo revolucionário. Neste ponto específico, devo dizer que discordo de ambos os pontos de vista, na medida em que penso que Toledo dissocia demasiado, e Schmidt e Van der Walt não bastam, o sindicalismo revolucionário do anarquismo.

Entende-se que tenho um certo número de divergências profundas com *Black Flame* sobre a maneira como o livro aborda a história e a doutrina anarquista, e tentarei mostrar de que forma os autores teriam se beneficiado, antes de escrever seu livro, de consultar a obra, na minha opinião essencial, de Gaetano Manfredonia, *Anarquismo e Mudança Social*<sup>21</sup> que fornece soluções extremamente convincentes para os impasses metodológicos em que os dois autores sul-africanos se envolveram.

### **Definição de anarquismo**

Existe apenas uma tradição anarquista, e ela está enraizada no trabalho de Bakunin e da Aliança. (*Black Flame*, p. 7.)

Ao afirmar que “há apenas uma tradição anarquista, e ela está enraizada na obra de Bakunin e da Aliança”, os autores de *Black Flame* estão convocando o movimento libertário a aceitar seu ponto de vista, o que não é exatamente um bom começo quando se afirma não querer criar uma ortodoxia<sup>22</sup>. Além disso, há uma certa inconsistência em afirmar, por um lado, que apenas o legado de Bakunin pode ser descrito como anarquista, enquanto se inventa um conceito abrangente, a “ampla Tradição Anarquista”, na qual se acumulam pessoas, movimentos e organizações descritos como anarquistas, mas cujas raízes na obra de Bakunin não são de todo óbvias. Finalmente, dizer que há “apenas uma tradição anarquista”, “enraizada na obra de Bakunin e na Aliança”, na verdade exclui todos os outros pensadores anarquistas, a menos, é claro, que se considere que eles também estão enraizados na obra de Bakunin: haveria muito a dizer sobre o “enraizamento” de Kropotkin e Malatesta na obra de Bakunin, mas não

---

<sup>17</sup> Em particular o *Bulletin international du mouvement syndicaliste*, Semanal, 354 edições entre 1907 e 1915. Veja: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb42572664f>

<sup>18</sup> “Na maior parte (mas não exclusivamente) usamos fontes em inglês.” *Black Flame*, pág. 26.

<sup>19</sup> A Biblioteca Nacional da França mantém os arquivos digitalizados de todas as obras publicadas no país: livros, jornais, etc. Ele tem um banco de dados chamado Gallica, que qualquer pessoa pode acessar gratuitamente. através da Internet (<http://gallica.bnf.fr/>). Contém quase todas as publicações anarquistas do final do século XIX e início do século XX.

vou entrar nesse assunto. A maneira como Schmidt e van der Walt abordam seu pensamento sobre o anarquismo é fechar o máximo de portas possível.

A questão central de *Black Flame* é como definir o anarquismo e como estabelecer critérios definidores para distinguir o que é e o que não é “anarquista”. Uma definição é a declaração das qualidades próprias e essenciais de um objeto, ou a explicação da natureza de uma coisa pela declaração de seus principais atributos. Agora é virtualmente impossível encontrar uma definição de anarquismo que seja satisfatória para uma proporção razoavelmente satisfatória de pessoas: cada definição é virtualmente exclusiva de outras definições. A menos, é claro, que encontremos uma “chave” que nos permita encontrar coerência onde reina a “anarquia”.

Aqueles que gostariam de mostrar a inconsistência do anarquismo em relação ao marxismo, afirmando que é, no entanto, mais fácil definir os contornos deste último do que daquele, estão, de certa forma, certos; Mas se relacionássemos o anarquismo (uma doutrina com um número mais ou menos definido de teóricos) não com o marxismo (uma doutrina desenvolvida por uma pessoa – duas se contarmos Engels), mas com o *comunismo*, as coisas seriam muito diferentes: as inúmeras variedades do comunismo não teriam nada a invejar às inúmeras variedades do anarquismo. Incluindo em termos de “folclore”. Para falar apenas da América Latina, poderíamos mencionar Juan Posadas, secretário-geral do Bureau Latino-Americano (BLA) da Quarta Internacional, que acreditava que um movimento comunista estabelecido sob a liderança de camaradas extraterrestres era o pré-requisito para qualquer revolução na Terra. Se bem me lembro, seu argumento era o seguinte: se alienígenas pousassem na Terra, não deveríamos ter medo deles, porque fazer tal viagem ao espaço seria a prova de que eles teriam desenvolvido as forças produtivas a tal ponto que necessariamente teriam estabelecido o comunismo. Houve um tempo em que essas teorias eram relativamente difundidas entre a intelectualidade comunista da América do Sul.

Schmidt e van der Walt tentam oferecer uma definição muito restritiva do anarquismo: segundo eles, o elemento mais importante do anarquismo sempre foi o sindicalismo – uma afirmação verdadeiramente surpreendente se respeitarmos os fatos:

“A vertente mais importante do anarquismo sempre foi o sindicalismo: a ideia de que os sindicatos – construídos por meio de lutas diárias, práticas radicalmente democráticas e educação popular –

---

<sup>20</sup> Edilene Toledo, *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

<sup>21</sup> Edições Atelier de création libertaire, 2007.

<sup>22</sup> (Página 26). Os autores de *Black Flame* também dizem: “O anarquismo de luta de classes, às vezes chamado de anarquismo revolucionário ou comunismo anarquista, não é um tipo de anarquismo; Na nossa opinião, esse é o único anarquismo.” (pág. 19.)

são alavancas cruciais da revolução e podem até servir como o núcleo da ordem socialista livre.”<sup>23</sup>

Esta proposição é atraente na medida em que identificar o sindicalismo com o anarquismo nos permite ampliar consideravelmente o “perímetro” deste último, mas é inteiramente questionável; na verdade, ignora completamente três observações:

- Inicialmente, o anarquismo era geralmente oposto ao sindicalismo;
- Numa segunda fase, uma parte do movimento anarquista aderiu ao princípio da ação sindical, enquanto outra parte continuou a opor-se a ele;
- O grau de investimento dos anarquistas em prol da ação sindical sempre se manteve muito variado.

### ***Categorizando Tipos de Anarquismo***

Um capítulo de *Black Flame*, intitulado “comunismo Anarquista versus Anarco-sindicalismo?” pretende “categorizar” os diferentes tipos de anarquismo de uma forma que os autores querem que seja diferente daquela que é normalmente empregada. Assim, Michael Schmidt e Lucien van der Walt contestam que se deva considerar o comunismo anarquista e o sindicalismo revolucionário de forma diferente:

“a grande maioria das pessoas descritas na literatura como 'comunistas anarquistas' ou 'anarcocomunistas' defendeu o sindicalismo, e a maioria dos sindicalistas revolucionários endossou o comunismo anarquista: uma sociedade socialista sem Estado baseada na distribuição de acordo com a necessidade.”<sup>24</sup>

É uma tentativa de definir uma tipologia que procede por amálgama e que evacua qualquer análise real. Além disso, os autores de *Black Flame* brincam com a palavra “advogar” (*to champion*), o que permite considerar como sindicalista revolucionário (ou anarco-sindicalista) qualquer pessoa que *recomende* o recurso ao sindicalismo, mesmo que nunca tenha se filiado a um sindicato.

Parece que não teremos uma explicação sobre a história do surgimento dessas duas correntes e suas inter-relações, o que significa que não saberemos por que dois termos diferentes designariam basicamente a mesma coisa. O leitor não familiarizado com a história não saberá que o anarco-sindicalismo surgiu depois de 1920, cerca de vinte anos após a formação do sindicalismo revolucionário (por

---

<sup>23</sup> “The most important strand in anarchism has, we argue, always been syndicalism : the view that unions—built through daily struggles, a radically democratic practice, and popular education—are crucial levers of revolution, and can even serve as the nucleus of a free socialist order.” (*Black Flame*, p. 20.)

<sup>24</sup> *Black Flame*, 124-125.

volta de 1900), surgindo ele próprio vinte anos após o anarquismo (por volta de 1880), surgindo ele próprio dez anos após o coletivismo de Bakunin... No entanto, ficamos sabendo que a maioria dos anarco-comunistas “defendia” o sindicalismo. O que não é o mesmo que dizer que a maioria dos anarco-comunistas *praticava* o sindicalismo. Por exemplo, Malatesta “defendia” o sindicalismo, mas tinha apenas uma visão externa e teórica dele. Não sei se ele já se filiou a um sindicato. Recordemos que Malatesta declarou em 1907 no Congresso de Amsterdão que “o sindicalismo é e nunca será nada mais do que um movimento legalista e conservador, sem outro objetivo acessível – e de novo ! – que a melhoria das condições de trabalho.” Não podemos, portanto, colocar no mesmo nível o discurso de um anarquista como Malatesta, que certamente “defendeu” o sindicalismo, no sentido em que Schmidt e van der Walt o entendem, e o de um militante como Pouget, que o “praticou”, de uma maneira completamente diferente. Kropotkin também “defendeu” o sindicalismo. Sem dúvida, ele ganhava a vida de uma forma ou de outra, mas é difícil imaginá-lo no papel de um empregado, muito menos de um operário, ganhando a vida com o suor do seu rosto em um escritório ou em uma fábrica.

Malatesta insiste no fato de que há uma distância entre o anarquismo e o movimento operário, o que não concorda em nada com as visões de Schmidt e Van der Walt, mas estranhamente se assemelha ao ponto de vista de Karl Kautsky (assumido por Lenin), que insistiu no fato de que não havia equivalência entre o movimento operário e o socialismo: “O movimento operário e o socialismo não são de forma alguma idênticos em natureza”, diz ele em *As Três Fontes do Marxismo*. Esta é também a posição de Malatesta, que, a meu ver, tem uma posição basicamente próxima daquela da social-democracia, que consiste em dividir o trabalho entre a organização da luta econômica e a organização da luta política, enquanto o sindicalismo revolucionário, depois o anarco-sindicalismo, afirmam (de acordo com Bakunin, recordemos) que as duas formas de luta não são separáveis.

Se Malatesta de fato defendia que os anarquistas se engajassem na atividade sindical – porque afinal é lá que estão os trabalhadores – ele impôs a condição de que os ditos anarquistas não se perdessem nela: “se é realmente necessário transigir, ceder, chegar a contatos impuros com a autoridade e com os patrões para que a organização sobreviva ou porque os sindicalistas sentem necessidade ou porque essa é a sua vontade, que assim seja. Mas deixe que outros o façam, não os anarquistas.”<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Malatesta, *Pensiero e Volontà*, 16 de abril de 1925, em: *Malatesta, Escritos Seleccionados*, III, Annecy, Groupe 1<sup>er</sup> Mai, 1982, p. 14.

É verdade que Malatesta às vezes diz o contrário: “Nos últimos anos, entramos em contato com os vários partidos de vanguarda para uma ação prática e sempre tivemos um resultado ruim. Devemos, portanto, nos isolar, evitar contatos *impuros* e não nos movimentar ou tentar nos movimentar, exceto quando pudermos fazê-lo com nossas próprias forças e em nome de nosso programa integral? Eu não acredito nisso.”

Em outras palavras, os anarquistas devem se filiar a sindicatos para fazer propaganda anarquista, mas *não* para assumir mandatos! Como se os trabalhadores dessem algum crédito a palestrantes que não querem sujar as mãos e se recusam a se envolver de forma concreta! Além do fato de que a atitude de Malatesta se assemelha estranhamente à hipocrisia religiosa (“contatos impuros”), ela literalmente leva a dar rédea solta a outras correntes políticas nos sindicatos.

Ariane Miéville e Maurizio Antonioli corretamente apontam:

“Essa estratégia parece ser difícil de implementar. É um pouco como pedir aos anarquistas que andem na lama sem sujar os pés. Como podemos ter credibilidade em um sindicato se deixamos as responsabilidades e a tarefa de conduzir as negociações para outras correntes políticas ?

“O ponto de vista de Malatesta pode ser explicado de duas maneiras. Primeiro, ele não era um verdadeiro sindicalista. Ele já teve um emprego remunerado alguma vez na vida? Não sabemos.<sup>26</sup> Seus biógrafos o descrevem, por sua vez, como um aprendiz de mecânico de um velho amigo, um garimpeiro na Argentina, um vendedor de doces nas ruas de Londres e, mais uma vez, um mecânico ou electricista em sua própria oficina... Mas talvez isso não seja o principal.”<sup>27</sup>

Em sua preocupação em negar que possa haver diferenças entre anarquismo e anarco-sindicalismo, Michael Schmidt e Lucien van der Walt contestam a descrição de Paul Avrich das oposições entre anarquistas e anarco-sindicalistas russos. Ao fazer isso, eles negam a simples realidade histórica. Por mais que Avrich levante a questão, infelizmente não se pode negar que as duas correntes se opuseram vigorosamente durante a revolução. Se há um caso em que não se pode dizer de forma alguma que “não há distinção geral entre 'comunistas anarquistas' e anarco-sindicalistas”,<sup>28</sup> este é *precisamente* o caso da Rússia durante a revolução. Isto é o que escrevi em *Octobre 1917, le Thermidor de la Révolution russe* (Outubro de 1917: O Termidor da Revolução Russa):<sup>29</sup>

---

(*Rivoluzione et lotta quotidiana*, 6. L'alluvione fascista. [www.liberliber.it](http://www.liberliber.it).) Mas nesta passagem não se trata de luta sindical, mas de atividade como anarquistas “específicos”.

<sup>26</sup> Quanto à fonte de sua renda, vários relatórios policiais concordam que “uma tia muito rica lhe envia de 4.000 a 5.000 francos por ano”. *Relatório sobre anarquistas italianos que se refugiaram em Londres*, Paris, 20 de maio de 1895, Prefeitura de Polícia, 3ª Divisão, 1ª Divisão. Fonte: *À contretemps*, n.º 36, janeiro de 2010. (Confirmado por outro relatório policial datado de 18 de maio de 1895.)

<sup>27</sup> *Anarchisme et syndicalisme. – Le congrès anarchiste international d'Amsterdam (1907)*. Introduction d'Ariane Miéville et Maurizio Antonioli. Nautilus/Éditions du

“O movimento libertário russo importou as divisões e polêmicas do movimento libertário europeu. A revolução de 1905 não deu origem a nenhuma reformulação estratégica ou organizacional – se é que o movimento da época era capaz de tais considerações. Os princípios organizacionais continuam sendo o livre entendimento entre os indivíduos, a livre união dos grupos segundo suas afinidades. As decisões do congresso, quando houver, não são vinculativas. Não se pode questionar a atribuição de funções de ligação ou coordenação a comissões. A unanimidade é a única maneira de se chegar a uma decisão e, se não for possível chegar a um acordo, nenhuma decisão é tomada. A ideia de um jornal expressar uma posição geral não é concebível porque qualquer publicação só pode representar o ponto de vista do grupo que a publica.”

Foi esse anarquismo que os makhnovistas enfrentaram durante a Revolução Russa e que Makhno, Archivov e seus camaradas posteriormente tentaram reformar. Alexandre Skirda comenta: “Todas essas posições foram emitidas durante uma reunião de comunistas libertários russos no exílio, em 1906, em Londres. É de certa forma uma atualização teórica do anarquismo, levando em conta a revolução russa de 1905, e em sintonia com a orientação geral do movimento internacional.”<sup>30</sup>

O movimento libertário russo enfrentou a revolução de 1917 com concepções que limitavam a organização a um conglomerado de grupos autônomos. É compreensível que nessas condições ele tenha se mostrado incapaz de enfrentar o bolchevismo, apesar de ter inicialmente um número muito maior que o dos bolcheviques.

Não importa o que Michael Schmidt e Lucien van der Walt pensem, havia profundas diferenças na Rússia entre o movimento anarquista propriamente dito e o movimento anarco-sindicalista. Ocultar essas divergências, sem dúvida, permite que os leitores recebam uma visão mitificada da situação do movimento libertário russo (e do movimento libertário em geral), mas não serve à realidade histórica.

### ***Respeitar o princípio da não contradição***

A partir do momento em que definimos o anarquismo como uma doutrina política, isso significa que concordamos com um certo número de critérios de definição. Caso contrário, estamos em total indefinição, imprecisão artística. Concordamos que esses critérios podem ser relativamente flexíveis, mas por uma simples razão de coerência intelectual não é possível definir tudo e qualquer coisa

---

Monde libertaire, 1997.

<sup>28</sup> *Black Flame*, pág. 125: “there was no general distinction between “anarchist communists” and anarco-sindicalists”.

<sup>29</sup> Edições CNT-Região de Paris, 2003.

<sup>30</sup> A. Skirda, *Autonomie Individuelle et force collective*, ed. AS, pág. 103.

como sendo “anarquista”. O princípio da não contradição deve ser respeitado. Há a atitude daqueles que aceitam essa indefinição porque não querem aparecer como “autoritários”; Eles não querem estar em posição de dizer: “Este autor não é um anarquista”. Há uma série de autores anarquistas dos quais não gosto, se é que gosto; mas não me ocorreria negar-lhes o estatuto de anarquistas, porque entre eles e eu há pontos de convergência suficientes para que eu considere que fazemos parte da mesma família política. Mas há outros que eu absolutamente não considero anarquistas, mesmo que se autodenominem anarquistas. Assim, não se pode dizer: “a existência da sociedade é condição do desenvolvimento do indivíduo” e “a existência da sociedade é antagonica ao desenvolvimento do indivíduo”, e colocar essas duas proposições no quadro da mesma doutrina. (É verdade que com uma certa dose de “dialética” seria possível dizer que ambas as proposições são verdadeiras...) Felipe Corrêa diz que o anarquismo, ao longo de seu desenvolvimento histórico, teve diferentes posições estratégicas. Isso representa um problema real. Uma doutrina política e social (ou uma ideologia, para adotar seu vocabulário) é *definida* pelas estratégias que adota? Ou pelo seu projeto? – a estratégia sendo definida por Felipe como “os caminhos escolhidos pelo anarquismo ao longo dos anos para atingir seus objetivos revolucionários, socialistas e libertários”<sup>31</sup>.

Ou a definição da FARJ (Federação Anarquista do Rio de Janeiro):

“a estratégia é, em suma, a formulação teórica de um diagnóstico da situação presente, a concepção da situação na qual já se busca e um conjunto de ações que visariam transformar a situação presente, possibilitando buscar chegar à situação desejada.”<sup>32</sup>

Corrêa nos diz duas coisas importantes:

1. Ao longo de seu desenvolvimento histórico, o anarquismo teve diferentes posições estratégicas sobre como atingir seus objetivos.
2. Ele também nos diz que o anarquismo nunca conseguiu “encontrar uma unidade em relação às melhores estratégias e táticas a serem utilizadas”.

Estamos, portanto, diante de uma “ideologia” (para Corrêa) ou de uma “doutrina” (na minha opinião) que teve diferentes definições ao longo da história e que não tem unidade em questões estratégicas e nem definição unificada quanto ao seu conteúdo. Isso é um tanto chato, porque a função de uma “ideologia” (de uma doutrina política) é justamente definir uma orientação geral, propor um denominador comum na busca desse objetivo. De certa forma, Corrêa nos admite que a maneira como aborda o anarquismo não lhe permite encontrar nele

<sup>31</sup> Felipe Corrêa, *Ideologia e Estratégia*, Faisca Publicações libertárias, file:///C:/Users/berth/Downloads/Ideologia\_e\_Estrategia\_anarquismo\_movime.pdf.

<sup>32</sup> Felipe Corrêa, “A estratégia de massas de Neno Vasco”, in *Ideologia e Estratégia*, Faisca, p. 120.

nenhuma coerência.

A conclusão que tiro é: ou caímos em uma espécie de ecletismo estratégico, ou não temos uma grade de leitura relevante.

Se, por exemplo, incluímos no conceito de “anarquismo” práticas absolutamente contraditórias, ou de tal diversidade que impossibilite uma “leitura” da prática, devemos considerar a possibilidade de que nessas práticas e nessa diversidade haja elementos parasitários que nada têm a ver com o anarquismo. Esses elementos parasitários (isto é, aqueles que se introduziram sorrateiramente no corpo da doutrina sem serem confrontados com um exame crítico) acabam criando tais alterações na doutrina que se torna impossível ver a menor coerência nela. Se acrescentarmos a isso a “síndrome antiautoritária”, ou seja, a atitude daqueles que não querem tomar uma posição firme sobre qualquer questão, ou daqueles que consideram tudo e qualquer coisa como “anarquista” sob o pretexto de não parecerem “autoritários”, chegaremos a uma situação totalmente inextricável.

O que pode ser interessante para alguém com tempo é determinar como e por que esses elementos “parasitários” foram introduzidos na “doutrina anarquista”. Esta é a pergunta que me faço em particular para o individualismo e o insurrecionalismo. A questão não é evacuar a problemática do indivíduo ou da insurreição, mas saber por que foi necessário criar um *anarquismo particular* para o indivíduo e outro para a insurreição, ainda que a doutrina anarquista “clássica” incluía uma reflexão  *muito* profunda sobre a questão do indivíduo e sobre o uso da violência revolucionária. Em outras palavras, como chegamos a pensar que a emancipação geral deve se concentrar apenas no indivíduo ou na insurreição, excluindo qualquer outra abordagem?

Seria, portanto, apropriado distinguir entre opções estratégicas diferentes, mas legítimas e coerentes, e desvios que simplesmente não são anarquistas. O individualismo não é uma “opção estratégica”, é um desvio. De fato, um ponto particular e *essencial* da doutrina anarquista geral: a insistência na necessidade de garantir a liberdade e o desenvolvimento do indivíduo em uma comunidade socialista, foi “extraído” e “isolado” da doutrina principal,<sup>33</sup> e foi erguido em uma doutrina autônoma e “autossuficiente”, que afirma que o individualismo é o único meio de alcançar a emancipação humana. O mesmo vale para o insurrecionalismo.

### ***Nascimento do anarquismo?***

Para fins de clareza, gostaria de salientar que não podemos falar sobre o anarco-sindicalismo em 1900, ou mesmo em 1910.

A imprensa anarquista francesa e até mesmo a imprensa burguesa e socialista estavam familiarizadas com a palavra no início do século XX, mas ela não se referia a um movimento, mas a anarquistas individuais que se engajavam em

---

<sup>33</sup> Poucos autores se preocuparam tanto com a questão do indivíduo quanto Proudhon e Bakunin.

atividades sindicais. Três termos intercambiáveis foram usados: anarco-sindicalista, sindicalo-anarquista, anarco-sindicalista, mas a palavra “anarco-sindicalismo” nunca é encontrada. A palavra “anarco-sindicalismo”, usada para designar um movimento, surgiu após a revolução russa; na época, era um termo depreciativo usado por socialistas e comunistas para designar sindicalistas revolucionários que se opunham à filiação de sua organização à Internacional Sindical Vermelha. Foi somente dez anos depois que os militantes sindicalistas revolucionários adotaram o termo “anarco-sindicalista”. Schmidt e Van der Walt ignoraram completamente essa realidade histórica no edifício que construíram.

Na época da formação do sindicalismo revolucionário, nos anos de 1890-1900, o anarquismo era incapaz de ter uma estratégia, seja na França ou em outros países. Ele era ainda menos capaz de ter uma estratégia porque não havia sequer uma organização anarquista em nível nacional: na França, foi somente em agosto de 1913 que um congresso reunindo cerca de sessenta grupos (portanto, 60 “estratégias” diferentes) tentou unir o movimento anarquista em uma organização em nível nacional. Este congresso foi completamente ofuscado por um julgamento que acontecia ao mesmo tempo, o da gangue de Bonnot, que era apoiada por anarquistas individualistas.

Neste congresso, o movimento anarquista se distanciou fortemente do individualismo. O orador individualista Mauricius foi privado do direito de falar (depois de ter monopolizado a plataforma por um longo tempo) e foi expulso da sala. Jean Grave anunciou em nome da revista *Les Temps nouveaux* que se retiraria do congresso se os individualistas participassem. Pierre Martin, do *Le Libertaire*, declarou-lhes: “Entre vocês e nós, não há acordo possível.”<sup>34</sup> Sébastien Faure destacou o “abismo intransponível” que separava as concepções comunista e individualista.<sup>35</sup> (O que não o impediu, depois de ter expulso o individualismo pela porta em 1913, de reintroduzi-lo pela janela na sua “síntese” de 1928<sup>36</sup>). Este congresso, realizado um pouco tarde considerando a proximidade da guerra, decidiu criar uma organização que em nenhum caso poderia decidir sobre a menor “estratégia”, sendo alguns grupos a favor da ação sindical, outros não.

Precisamos concordar sobre a data do “nascimento” do anarquismo. Na minha opinião, o anarquismo como um movimento que reivindica explicitamente esse termo surgiu no final da Internacional antiautoritária sob o impulso de militantes como Brousse, Costa (que mais tarde se moveria em direção ao parlamentarismo) e especialmente os militantes italianos da Internacional. Ativistas italianos

---

<sup>34</sup> *Le Libertaire* nº 43, 23 de agosto de 1913.

<sup>35</sup> Citado por Jean Maitron, *O Movimento Anarquista na França*, vol. Ed, Gallimard, p. 450.

<sup>36</sup> A explicação para esse aparente paradoxo é simples. Enquanto Jean Grave, que rejeitou o individualismo em 1913, ficou do lado da União Sagrada durante a guerra, Sébastien Faure foi muito ativo, ao lado de Mauricius, na luta contra a guerra. Sem dúvida isso criou laços.

declararam-se abertamente anarquistas e adotaram posições insurrecionais que dificilmente eram compatíveis com uma estratégia sindicalista. Kropotkin então deu a garantia de sua autoridade intelectual ao novo movimento.

Em outras palavras, o anarquismo foi, cronologicamente, antes de tudo um insurrecionalismo, *ou seja, um antissindicalismo*. Todos os ensinamentos de Bakunin foram esquecidos. Foi somente depois de esgotar todos os becos sem saída táticos do insurrecionalismo – invasão de prédios municipais por um punhado de homens em meio à indiferença geral, terrorismo, ataques, liquidação de organizações sindicais, etc. – que uma parte significativa da corrente anarquista acabou percebendo que, para ser ouvido pelas massas, o melhor era estar *nas massas e com elas*. Foi o que aconteceu na Espanha, de forma extremamente voluntária e vigorosa, no início do século XX.

Quanto à França, podemos simplesmente dizer que os métodos, as formas de organização e os objetivos do sindicalismo revolucionário estavam de acordo, não com o “anarquismo” genericamente falando, que estava longe de ter a menor “estratégia”, mas com as opiniões de um certo número de militantes anarquistas que, nos anos seguintes ao esmagamento da Comuna de Paris, fizeram sem dúvida a mesma observação que seus camaradas espanhóis: ao permanecerem confinados ao anarquismo “específico”, permaneciam confidenciais.

Quem eram esses anarquistas?

- Por um lado e sobretudo aqueles que *já estavam* no movimento sindical, antes da fundação da CGT, e que constituirão a espinha dorsal do sindicalismo revolucionário. O fracasso da Comuna de Paris foi seguido por uma reconstituição do movimento sindical, lento a princípio e cauteloso por causa da repressão, depois cada vez mais dinâmico.<sup>37</sup> Foi nessa época que algumas das características mais significativas do sindicalismo revolucionário foram formadas: antiestatismo, antiparlamentarismo, antissocialismo, ação direta, autonomia em relação aos partidos políticos. De fato, as estruturas operárias reconstituídas eram, naquela época, objeto de atenção sustentada e insistente por parte da burguesia radical e dos socialistas, atenção que deu origem a uma rejeição violenta de qualquer subordinação das câmaras sindicais ao socialismo. No dia seguinte à Comuna, os “ingredientes” do sindicalismo revolucionário estavam lá e havia militantes anarquistas no movimento sindical ressurgente, a maioria deles anônimos, outros nem tanto, como Émile Pouget.

- Por outro lado, alguns ativistas “específicos” que escreveram nas publicações do movimento e que se entusiasmaram por um tempo com o sindicalismo, descobriram com espanto que o movimento que observavam todos os dias, mas do qual geralmente não participavam, estranhamente se assemelhava

<sup>37</sup> Cf. Monde-nouveau-net, René Berthier, “Repressão antissindical e antianarquista na França do fim da Comuna à Grande Guerra”

1º parte: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article554>.

2º parte: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article560>

ao que Bakunin havia descrito trinta anos antes. Esta “descoberta”, após a publicação por James Guillaume de textos desconhecidos ou esquecidos de Bakunin<sup>38</sup> e a Federação do Jura, chegou relativamente tarde e, portanto, não contribuiu de forma alguma para a *criação* do sindicalismo revolucionário. Esses textos apenas *confirmaram* entre os anarquistas a analogia óbvia entre as práticas do sindicalismo revolucionário e a experiência da Federação do Jura.

• Note-se que militantes com formação marxista também contribuíram para a teorização do sindicalismo revolucionário, em particular aqueles que estavam ligados à Revue *Le Mouvement socialiste*: Édouard Berth, Charles Guieysse e especialmente Hubert Lagardelle, mas também Georges Sorel. Houve tentativas dos socialistas de recuperar o sindicalismo revolucionário, mas afirmar que o sindicalismo revolucionário é essencialmente socialista não convence ninguém: todos os enxertos que foram tentados entre o sindicalismo revolucionário e o socialismo falharam na questão parlamentar e na da greve geral. Os fatos, portanto, contradizem as afirmações de Edilene Toledo: todas as tentativas de vincular o socialismo ao sindicalismo revolucionário terminaram na afirmação de pontos de vista totalmente antagônicos ao socialismo: antiestatismo, antiparlamentarismo, greve geral, etc. Ativistas que fizeram essa escolha foram forçados a se posicionar como dissidentes do socialismo.

Victor Griffuelhes, que foi secretário geral da CGT (com Émile Pouget como secretário adjunto), foi blanquista por um curto período, mas seu compromisso sindical o levou a se dedicar inteiramente à nascente CGT, a ponto de sua personalidade se confundir totalmente com a confederação.<sup>39</sup> Quando deixou o mandato, ele se aproximava muito dos anarquistas

Uma geração se passou entre a morte de Bakunin e o início do sindicalismo revolucionário na França. Houve uma verdadeira quebra de continuidade. Entretanto, muitos anarquistas já estavam envolvidos no movimento sindical, fossem Bakunin ou não. Raramente pensamos nos militantes anônimos quando falamos sobre “os anarquistas”. Quando falamos sobre “os anarquistas”, geralmente são aqueles que *estão fora* da CGT, em grupos específicos, aqueles que escrevem em publicações anarquistas.

A atração dos militantes anarquistas pelo sindicalismo recebeu um impulso considerável quando James Guillaume, que havia deixado a Suíça e se estabelecido em Paris, se aproximou dos sindicalistas revolucionários. Ele empreendeu a publicação dos quatro volumes de sua *L’Internationale, documents et souvenirs* (Internacional, documentos e memórias) (1904-1905 e 1909-1910), depois a publicação da *Política da Internacional* de Bakunin em 1911. Foi nessa

---

<sup>38</sup> Cf. Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, Editions Noir & Rouge, Paris 2014.

<sup>39</sup> Há uma biografia muito interessante de Griffuelhes (e provavelmente a única): Bruce Vandervoort, *Victor Griffuelhes and French Syndicalism 1895-1922*, Louisiana State University Press. Griffuelhes morreu na miséria aos 48 anos de idade.

época que muitos anarquistas viram a surpreendente correspondência entre as posições da Federação do Jura e de Bakunin, e aquelas do sindicalismo revolucionário. Contudo, não se pode dizer que esse trabalho editorial tenha estado na origem do sindicalismo revolucionário, que já existia. Isso apenas confirmou aos ativistas anarquistas a surpreendente concordância entre as teses de Bakunin, as práticas da Federação do Jura e as do sindicalismo revolucionário. O que levanta dois pontos:

1. Obviamente, a memória de Bakunin e da AIT deve ter desaparecido consideravelmente – o que é confirmado pelas teses e práticas do movimento anarquista. da época, que estavam muito distantes dela.

2. A tese, cara a Schmidt e van der Walt, segundo a qual o sindicalismo revolucionário seria uma “estratégia”, ou mesmo uma “variante” do anarquismo, não tem nada em que se sustentar.

Portanto, a proximidade do sindicalismo revolucionário com o anarquismo não passou despercebida por ninguém na época. Mas *ninguém* pensou que o primeiro fosse organicamente derivado do segundo: os anarquistas da época simplesmente apontavam as *analogias*. Falando de Marie Goldsmith (Maria Isidorovna), Maurizio Antonioli escreve:

“Em um artigo sobre ‘Sindicalismo Revolucionário e Partidos Políticos na Rússia’, publicado em *Les Temps Nouveaux* de julho [6 de julho de 1907]<sup>40</sup> sob o pseudônimo de Isidine, ela insistiu não apenas ‘na semelhança e até mesmo, em muitos aspectos, na identidade das ideias sindicalistas com as ideias anarquistas’. Ela argumentou: ‘bakunin, em seu artigo *A Política da Internacional*<sup>41</sup>, define a linha de conduta que ele gostaria que o movimento dos trabalhadores seguisse em tais termos que o atual movimento sindical parece ser a realização exata de seu programa.’<sup>42</sup>

Luigi Fabbri afirmou que o sindicalismo revolucionário era “socialismo anarquista em ação”<sup>43</sup>. Notemos que nem Fabbri, nem Isidine, nem qualquer outro militante anarquista afirma que o sindicalismo revolucionário é uma *produção* do anarquismo; Eles simplesmente enfatizam a extrema proximidade das duas correntes.

Ativistas que também eram editores de publicações anarquistas começaram a

---

<sup>40</sup> <http://monde-nouveau.net/spip.php?article503>

<sup>41</sup> Cf. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article501>

<sup>42</sup> Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, Editions Noir & Rouge, Paris 2014.

<sup>43</sup> Luigi Fabbri, “Il sindacalismo”, *Il Pensiero*, 1 de junho de 1905. Citado por M. Antonioli.

descobrir os escritos quase esquecidos de Bakunin por meio de James Guillaume, que os havia acabado de publicar. Esses autores são muito poucos em número – pouco mais de dez assinaturas na França, Suíça e Itália. Mas estes são os que tinham “visibilidade”.

Além disso, o entusiasmo de boa parte desses anarquistas pelo sindicalismo caiu muito rapidamente para se transformar em hostilidade declarada quando os militantes sindicalistas revolucionários da CGT – muitas vezes anarquistas, aliás – desenvolveram a ideia de que “o sindicato basta para tudo”, o que era uma forma de negar a utilidade tanto dos partidos quanto dos grupos anarquistas. O anarquismo, como ideal e como movimento específico, não tinha mais razão de existir. “Os anarquistas” perceberam que a luta de classes e o sindicalismo desviaram muitos ativistas de suas atividades especificamente anarquistas. Eles foram acusados de “se perderem” no sindicalismo.

### ***O que o anarquismo não é***

Nota: as palavras “socialismo libertário” e “anarquismo” eram originalmente sinônimos – em qualquer caso, a diferença era pequena demais para dissociar os conceitos.<sup>44</sup> Não vejo pertinência em considerar, como faz Corrêa, que “o que é libertário não é necessariamente anarquista”.<sup>45</sup> Eu acho que o que é libertário é anarquista. Mas compartilho sua opinião quando ele diz que a autoidentificação “não é a maneira mais adequada de determinar quem é um anarquista e o que é anarquismo”. Esse tipo de atitude deve ser encarado com cautela e modéstia, pois é fácil se colocar como juiz de quem é ou não anarquista.

Entretanto, o conceito de “libertário” tornou-se um sinônimo enfraquecido para anarquismo, abrangendo, portanto, uma realidade mais ampla. É nesse sentido que os autores de *Black Flame* usam esse termo. Pela minha parte, considero que definir o anarquismo como “uma forma particular, racionalista e revolucionária de socialismo libertário”<sup>46</sup> é equivalente a dizer que anarquismo é anarquismo. Este é um raciocínio circular. Além disso, é reconhecer implicitamente que existem formas não racionalistas e não revolucionárias de socialismo libertário – algo que eu contesto.

O mesmo raciocínio se aplica quando Schmidt e van der Walt escrevem que “o anarquismo é uma forma de socialismo libertário revolucionário, internacionalista

---

<sup>44</sup> O neologismo “libertário” foi criado por Joseph Déjacque (1821-1864), em oposição a “liberal”, em seu panfleto *Sobre o Ser Humano, Masculino e Feminino*, que é um ataque virulento às posições misóginas de Proudhon. Na minha opinião, “socialismo libertário” e “anarquismo” significam a mesma coisa. Gaston Leval, que desaprovava o uso da palavra “anarquismo” e a considerava contraproducente, usou “socialismo libertário” em seu lugar, mas não no sentido em que parece ser usada hoje, como uma forma enfraquecida de anarquismo.

<sup>45</sup> “Quem é libertário não é necessariamente anarquista.”

<sup>46</sup> “a particular rationalist and revolutionary form of libertarian socialism” (*Black Flame*, p. 71)

e de luta de classes que apareceu pela primeira vez na Primeira Internacional”.<sup>47</sup> Mais uma vez, eles definem anarquismo pelo anarquismo.

Apesar de um capítulo 2 dedicado à definição de anarquismo, não teremos uma definição realmente precisa e clara. Em vez disso, temos inúmeras alusões pontilhistas. Acima de tudo, temos longos desenvolvimentos sobre o que o anarquismo *não é*. Isso é ainda mais frustrante porque os autores nos dizem que “precisamos ter uma compreensão clara do que queremos dizer com anarquismo”.<sup>48</sup>

A abordagem dos autores de *Black Flame* os leva, por um lado, a excluir do anarquismo uma parte daqueles que o reivindicam explicitamente e, por outro lado, a incluir pessoas ou movimentos que não o reivindicam. Eles contestam corretamente, na minha opinião, a autoidentificação ( *decido* que *sou* anarquista) como critério suficiente para pertencer ao movimento. Isso lhes permite excluir (não necessariamente de forma errada) do campo do anarquismo certas pessoas ou movimentos que afirmam fazer parte dele. Não tenho escrúpulos em descartar categoricamente o chamado “anarcocapitalismo” do campo de reflexão sobre o anarquismo. Mas os autores de *Black Flame* não hesitam em se envolver na “alter-identificação” ( *eu decido* que *você é* um anarquista, mesmo que você não goste disso) ao apresentar como anarquistas pessoas ou grupos que não afirmam fazer parte do movimento ou que afirmam não fazer parte dele, o que lhes permite criar um espaço comum, uma espécie de “comunidade” anarquista, que eles chamam de *Ampla Tradição Anarquista*, à qual retornarei.

Para Michael Schmidt e Lucien van der Walt, o sindicalismo é a forma pela qual o anarquismo se manifesta. Isso lembra os debates que ocorreram na França e na Itália no início do século XX, na época em que os anarquistas redescobrimos os textos de Bakunin, que James Guillaume começava a republicar. Maurizio Antonioli descreve em grande detalhe este período em *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*,<sup>49</sup> mas também mostra que boa parte do movimento anarquista não aderiu ao sindicalismo ou acabou lhe dando as costas – o que não vai em nada na direção das teses de Michael Schmidt e Lucien van der Walt. Antonioli fala de *fatos*, enquanto Schmidt e van der Walt elaboram construções ideológicas. A identidade do anarquismo e do sindicalismo é considerada por estes dois autores como um fato evidente: não está previsto o exame de fatos históricos. Agora, o que eles propõem não é absolutamente falso, se queremos dizer com isso que uma parte do movimento anarquista contribuiu decisivamente para a formação do sindicalismo revolucionário, mas deve ser especificado que outra parte do movimento se opôs a ele.

Enquanto os anarquistas do período em que os textos de Bakunin e da Federação do Jura estavam sendo redescobertos – sob a liderança de James

<sup>47</sup> “...anarchism is a form of revolutionary and libertarian socialism that initially arises within the First International.” (*Black Flame*, pág. 8)

<sup>48</sup> “we must have a clear understanding of what ideas we mean by anarchism.”

<sup>49</sup> Éditions Noir & Rouge, Paris 2014.

Guillaume por volta de 1900-1905 – se limitavam a constatar que havia uma *identidade* entre as práticas do movimento sindicalista revolucionário e as teorias do revolucionário russo, Michael Schmidt e Lucien van der Walt vão muito além, pois se trata claramente, segundo eles, de uma *filiação*: “o sindicalismo revolucionário é uma variante do anarquismo”, escrevem.<sup>50</sup> o que é uma maneira de significar que o sindicalismo revolucionário de fato *vem* do anarquismo. Considerando como um a priori indiscutível o fato de que o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” do anarquismo, eles declaram que aqueles sindicalistas revolucionários que rejeitam a filiação explícita ao anarquismo agem “por ignorância ou por negação tática de sua ligação com o anarquismo”.<sup>51</sup> Não sei o que poderia motivar esses ativistas sindicalistas revolucionários a querer uma “negação tática” de seu vínculo com o anarquismo. Não se considera que um ativista sindicalista revolucionário que rejeita o termo anarquista simplesmente não seja... um anarquista. De fato, entre os ativistas que contribuíram para a fundação do sindicalismo revolucionário, havia socialistas de várias convicções: Victor Griffuelhes, que foi um dos grandes ativistas sindicalistas revolucionários, que foi secretário da CGT, era de origem blanquista, enquanto Émile Pouget, secretário adjunto, era anarquista. Penso que quando os autores de *Black Flame* falam desses ativistas sindicalistas revolucionários que negam por razões táticas seus vínculos com o anarquismo, eles estão pensando em particular em Pierre Monatte. Mas Pierre Monatte simplesmente rejeitou o anarquismo *porque ele não era mais um anarquista*, como veremos.

Os sindicalistas revolucionários que não se autodenominavam anarquistas sabiam muito bem o que estavam fazendo. Conheci sindicalistas revolucionários que atuaram nas décadas de 1920 e 1930 e que sabiam perfeitamente por que não eram anarquistas: não havia “negação tática” entre eles. É uma completa ignorância da história do anarquismo e do sindicalismo revolucionário afirmar que os sindicalistas revolucionários que não fazem a conexão com o anarquismo o fazem por ignorância ou “negação tática”. Schmidt e van der Walt querem forçá-los a entrar no âmbito do anarquismo através de sua “ampla Tradição Anarquista” – uma tradição completamente artificial, autoritária e, acima de tudo, inútil.

Os autores de *Black Flame* pretendem limitar o anarquismo a uma forma política específica do mundo moderno:

“Não está apenas estabelecido que o anarquismo não existia no mundo pré-moderno; Também está estabelecido que isso não poderia

---

<sup>50</sup> “Syndicalism is a variant of anarchism » (*Black Flame*, p. 16). Rappelons qu’en anglais, « syndicalism »” (p. 16). Recordemos que em inglês, “syndicalism” (e em alemão “syndikalismus”) é traduzido como “sindicalismo revolucionário”. O sindicalismo “ordinário” é o “trade unionism ».

<sup>51</sup> “... which does not make so explicit a connection, due to ignorance or a tactical denial of the link to anarchism...” (*Black Flame*, p. 16).

ter acontecido, porque está enraizado nas revoluções sociais e intelectuais do mundo moderno.”<sup>52</sup>

Diga: 1. O anarquismo não existia no mundo pré-moderno; 2. Não poderia ter existido; 3. Como está enraizado no mundo moderno, não nos faz avançar na definição ou compreensão do anarquismo. Esta é uma forma de raciocínio específica da Escolástica Média, como: “deus existe porque é perfeito; porque se não existisse, não seria perfeito.” O argumento consiste em fazer com que as hipóteses iniciais (Deus é perfeito) conttenham a conclusão (Deus existe).

É óbvio que o anarquismo é uma doutrina política enraizada no modo moderno e ligada ao surgimento conjunto do capitalismo e do proletariado, mas ao limitar o anarquismo a isso, Michael Schmidt e Lucien van der Walt evacuum qualquer discussão sobre a gênese intelectual e histórica do anarquismo. É evidente que o socialismo, isto é, uma doutrina que visa a emancipação social dos trabalhadores, está intimamente ligado à existência de uma classe explorada e ao capitalismo; Mas o anarquismo como uma variante do socialismo não se limita a isso. É também uma corrente que luta contra a dominação política e religiosa e, como tal, também tem raízes no passado. Tem uma gênese histórica. Fazer esta observação não diminui em nada o anarquismo como doutrina política moderna: pelo contrário, enriquece-o.

De qualquer forma, não avançamos muito quando lemos que “o significado do anarquismo não é arbitrário nem uma questão de opinião”.<sup>53</sup> De fato, *Black Flame* nos apresenta uma doutrina cujas características, que as pessoas tomam como certas, estão fora de sua própria concepção de anarquismo. Então sabemos o que o anarquismo *não* é.

Na exposição de Michael Schmidt e Lucien van der Walt sobre o que o anarquismo *não* é, há a questão do antiestatismo: “muitos comentaristas, tanto hostis quanto solidários, reduziram o anarquismo ao antiestatismo”, dizem eles <sup>54</sup> – um ponto de vista que eles rejeitam. Nesse ponto, eles estão absolutamente certos. Eu acrescentaria que os autores que reduziram o anarquismo ao antiestatismo – ou à luta contra a “autoridade” – tenderam a esquecer que era também a luta contra a exploração económica. Mas nem Proudhon nem Bakunin reduzem o anarquismo ao antiestatismo. Para Kropotkin é menos claro, assim como para Malatesta. Ao ler Kropotkin, às vezes temos a impressão de que o principal inimigo é o centro da “autoridade”, isto é, o Estado. Mas, no geral, é preciso estar de má-fé para afirmar que o anarquismo se limita ao antiestatismo.

---

<sup>52</sup> “Not only is it the case that anarchism did not exist in the premodern world; it is also the case that it could not have, for it is rooted in the social and intellectual revolutions of the modern world.” (*Black Flame*, pág. 72.)

<sup>53</sup> “we maintain that the meaning of anarchism is neither arbitrary nor just a matter of opinion.” (*Black Flame*, p. 19.)

<sup>54</sup> “Many commentators, both hostile and sympathetic, have nonetheless reduced anarchism to antistatism.” (*Black Flame*, pág. 65.)

Felipe Corrêa também contesta que “anarquismo é o mesmo que antiestatismo”.<sup>55</sup> Não há dúvida de que a crítica ao Estado é um elemento fundamental da doutrina anarquista, mas não basta defini-la. anarquismo.

*Black Flame* exclui do “perímetro” do anarquismo um certo número de autores, designados como os “Sete Sábios” nomeados por Paul Eltzbacher em um livro publicado em 1900: *Anarquismo: Expoentes da Filosofia Anarquista*. Esses autores foram incorporados sem muito exame crítico em quase todos os trabalhos que tratam do assunto. Entre eles estão Godwin, Stirner, Proudhon, Tucker, Tolstói, Bakunin e Kropotkin. Segundo Eltzbacher, eles tinham a particularidade de serem opostos ao Estado, o que justificava sua incorporação ao “Panteão” anarquista.

Essa atitude, característica do que me parece ser um desvio do anarquismo (“clássico”) de Proudhon e Bakunin, que surgiu no final da Internacional antiautoritária, deve estar ligada à exclusão de Bakunin e de James Guillaume, então da Federação do Jura, durante o congresso de Haia e imediatamente depois. A hipótese que formulo é a seguinte: essas exclusões, que foram consequência de manobras burocráticas de uma camarilha que controlava o aparelho da Internacional, foram colocadas, por muitos militantes, em razão do próprio princípio de organização; Em vez de analisar a situação em termos dos métodos de designação de mandatos na liderança da Internacional, de controle de mandatos, de rotação de mandatos e possivelmente de revogação de mandatos, foi o *princípio de organização*, produtor de autoridade, que teve que ser contestado. Os ativistas e teóricos concentraram então sua atividade na luta contra a “autoridade”, contra o Estado, esquecendo-se um pouco da existência do sistema capitalista. É nesse contexto que o anarquismo “individualista” pôde surgir (para o qual Stirner não contribuiu de forma alguma, pois não era anarquista e nem pretendia sê-lo de forma alguma).<sup>56</sup> É também neste contexto que a oposição ao Estado pode aparecer como sinal distintivo do anarquismo. corrupção

As teses de Paul Eltzbacher, que os comentaristas então retomaram sem exame crítico, não criaram essa corrente que “esqueceu” a luta de classes em favor da luta contra a autoridade: elas apenas expressaram uma posição dominante no movimento anarquista da época. Schmidt e van der Walt estão absolutamente certos em reagir contra essa tendência de definir “anarquismo” simplesmente como oposição ao Estado. Mas ao excluir, sem muito exame, do “panteão” anarquista autores como Godwin, ou mesmo Proudhon, eles demonstram a mesma falta de espírito crítico de Eltzbacher. Falarei um pouco mais sobre Proudhon mais tarde.

Quanto a Godwin, sua exclusão é lamentável porque se parece óbvio que não se pode considerar Godwin um “anarquista” estritamente falando, é igualmente

---

<sup>55</sup> “anarquismo seja a mesma coisa que antiestatismo”

<sup>56</sup> Sobre Stirner, sua importância na esquerda hegeliana, sua interação com Marx e a forma arbitrária como ele foi “inserido” entre os pensadores anarquistas, veja: René Berthier, *Lire Stirner*, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 291>

óbvio que há, em seu livro sobre justiça política, todos os ingredientes para torná-lo o *precursor* de uma teoria anarquista do Estado ( *mas também de uma teoria anarquista da educação* ). Penso que aqui, novamente, a exclusão de Godwin por Schmidt e van der Walt se deve a uma simples falta de compreensão de seu pensamento. É verdade que *o Inquérito sobre a Justiça Política* (1793) é de difícil acesso,<sup>57</sup> caso contrário, por “peças selecionadas”. Na verdade, os autores de *Black Flame* têm uma visão fixa e muito pouco dialética das coisas. Se compartilho sua relutância em rastrear a doutrina anarquista até Lao Tzu ou Pitágoras, ou qualquer outro, não é contrário a um certo rigor intelectual e metodológico considerar a possibilidade de precursores.<sup>58</sup> Godwin é um deles, sem dúvida, e negá-lo é empobrecer a reflexão sobre o pensamento anarquista.

Eu escrevi sobre Godwin em 1990:<sup>59</sup>

“A questão de saber se Godwin é um teórico anarquista hoje não tem sentido, se for uma questão de ‘recuperar’ um autor que poderia ter dito coisas ‘simpáticas’. Lendo *Justiça Política*, tem-se a impressão de que o quadro em que o autor se situa é atemporal. Em nenhum momento há menção às fantásticas lutas sociais que estavam ocorrendo na época. Em nenhum momento há menção aos meios coletivos de ação necessários para transformar a sociedade de opressão. Em nenhum momento temos consciência de que, ao mesmo tempo em que o autor escreve, a revolução industrial está acontecendo. O problema de Godwin não é econômico, nem militante, nem ativista. Sua área de atuação é ética. Se ele é contra a propriedade, contra o Estado, é fruto de uma reflexão sobre os fundamentos filosóficos dessas instituições, que ele pretende, segundo suas próprias palavras, examinar em seus ‘princípios mais gerais’. Ao mesmo tempo em que admiramos o fluxo surpreendente de racionalidade nos argumentos apresentados por Godwin, poderíamos censurá-lo por essa mesma racionalidade, que nega o contingente e o que o homem pode ter precisamente que não é redutível à racionalidade. O fato é que *Justiça Política* é uma obra fundamental da filosofia política que merece ter seu lugar entre as grandes obras políticas que ainda são comentadas hoje. A crítica que ele desenvolve conjuntamente à propriedade e ao Estado seria, sem

---

<sup>57</sup> William Godwin, *Enquiry Concerning Political Justice* (1793). Facsimile de la 3<sup>e</sup> édition, sous la direction et avec une introduction de F.E.L. Priestley, trois volumes, University of Toronto (1969). (Existe uma cópia original na biblioteca do Muséum d'histoire naturelle em Paris).

<sup>58</sup> A palavra “precursor” nunca é mencionada em *Black Flame*.

<sup>59</sup> René Berthier, “1789 : Révolution et contre-révolution en Angleterre. – Godwin et Burke”, em *Les anarchistes et la Révolution française*, éditions du Monde libertaire, 1990. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article82>

dúvida, suficiente para explicar a ausência de seu livro no fluxo editorial da celebração.”<sup>60</sup>

Posso dizer que compartilho o ponto de vista de Schmidt e van der Walt, sujeito às duas ressalvas mencionadas acima. Quanto a Tolstói e Tucker, eu os abandono de bom grado ao inferno anarquista reservado para eles por *Black Flame*.

Tolstói, que é frequentemente apresentado como um libertário, alegou reconciliar o anarquismo e o cristianismo, ao custo de distorcer os próprios fundamentos do anarquismo. Felix Ortt, um dos principais teóricos do anarquismo cristão na Holanda, publicou um *Manifesto Anarquista Cristão em 1903*. Aqui estão as primeiras linhas do manifesto anarquista cristão publicado no jornal *Vrede* (Paz), no qual se pode ler, entre outras coisas:

“Anarquista cristão significa: 1º discípulo de Cristo; 2º negador de toda autoridade (externa). Um discípulo de Cristo é qualquer pessoa que busca, com toda a retidão, viver segundo o espírito de Cristo, independentemente da seita a que pertence ou do dogma ao qual adere. Viver segundo o espírito de Cristo é amar a Deus com toda a alma, em outras palavras, buscar e lutar pelo amor perfeito e pela santidade perfeita. Amar o próximo como a si mesmo, e a prática desta regra de vida, é incompatível com qualquer cobiça, qualquer dominação ou, se preferir, qualquer egoísmo. Na realidade, “cristão” e “anarquista” são sinônimos. Pedro, os apóstolos, sendo cristãos, eram anarquistas, como indica sua resposta às injunções das autoridades: “e melhor obedecer a Deus do que aos homens”. E, da mesma forma, a anarquia, a libertação de toda autoridade, só será possível quando o amor reinar na consciência humana, isto é, quando os homens viverem segundo o espírito de Cristo.”<sup>61</sup>

“Anarquismo cristão” é apenas uma das muitas correntes que se dizem anarquistas e que lutam contra todas as formas de poder, com exceção de Cristo para os “anarquistas” cristãos, do rei para os “anarcho”-monarquistas, de Alá para os “anarco”-muçulmanos, etc. Classificar Tolstói entre os pensadores anarquistas

---

<sup>60</sup> Esta é a celebração do bicentenário da Revolução Francesa, ocasião em que o artigo sobre Godwin foi escrito.

<sup>61</sup> *Encyclopédie anarchiste*, artigo sobre Tolstói, escrito pelo individualista Ernest Armand, que nos conta que “o grande romancista russo Tolstói, na segunda parte de sua atividade intelectual, tentou conciliar o cristianismo ou mais exatamente os ensinamentos dados por Jesus de Nazaré (ou atribuídos a ele) com o anarquismo ou a ausência de autoridade governamental, considerada em sua forma mais óbvia e brutal: a violência.” O anarquismo é, portanto, definido segundo ele pela “ausência de autoridade governamental”.

simplesmente não é sério.

Também direi uma palavra sobre Tucker, porque ele é apresentado por Schmidt & van der Walt como um “discípulo” de Proudhon:

“Proudhon e seu discípulo Tucker representaram uma abordagem, o mutualismo, que influenciou profundamente o anarquismo – com o marxismo, o proudhonismo e produziu muitos dos ingredientes para a *ampla tradição anarquista* – mas não pode realmente ser chamado de anarquista.”<sup>62</sup>

É certo que quando se tem uma visão confusa e distorcida do pensamento de Proudhon, o que é normal quando se lê apenas “trechos selecionados”, pode-se ser tentado a encontrar “discípulos” para ele em qualquer lugar. Não vejo como Benjamin Tucker pode ser descrito como um discípulo de Proudhon. É verdade que Tucker traduziu *O que é propriedade?*, mas ele também traduziu *O Único e sua propriedade*, o que o colocaria legitimamente na lista de discípulos de Stirner. Agora é impossível ser ao mesmo tempo discípulo de Proudhon e Stirner, a menos de cair em uma confusão total.<sup>63</sup> Considerar uma ligação teórica entre esses dois pensadores é simplesmente impossível; A perspectiva de *L'Unique* é oposta à de Proudhon.

Tucker, por outro lado, é inquestionavelmente um individualista, o que Proudhon não é de forma alguma. Seu diário publicou os discípulos de Stirner e sua principal preocupação era decidir se ele aderiu à tese dos partidários da lei natural ou à dos egoístas — um problema nada proudhoniano, mas inteiramente individualista. Ele acabou ficando do lado de Stirner.

Quanto a Stirner, escrevi que não o considerava um anarquista e expliquei o porquê: em resumo, porque a mesma doutrina política deve ter um mínimo de coerência e deve respeitar o princípio da não contradição: ela não pode afirmar uma coisa e seu oposto, que o homem só pode se realizar na sociedade (Bakunin, Proudhon), e que a sociedade impede que o homem se realize (Stirner). O mesmo raciocínio deve ser aplicado ao “anarquismo de massa” pró-organização e ao “insurrecionalismo” anti-organização...

Mas eu também disse que “o pensamento de Stirner não merece (...) ser descartado de imediato”:

---

<sup>62</sup> “Proudhon and his disciple Tucker represented an approach, mutualism, that influenced anarchism profoundly—along with Marxism, Proudhonism provided many ingredients for the Broad anarchist tradition—but that cannot truly be called anarchist.” (*Black Flame*, pág. 18)

<sup>63</sup> René Berthier, *Lire Stirner* (Leia Stirner), <https://monde-nouveau.net/spip.php?article291>

“Stirner advertiu seus contemporâneos contra a veneração de ídolos, mesmo onde eles são menos esperados; ele mostrou que as instituições congelam, escravizando-nos a códigos. (...) Ao sugerir que não há sociedade senão para e através do indivíduo – enquanto Proudhon e Bakunin afirmam que não há indivíduo senão na sociedade – Stirner propõe um tema de reflexão que deve ser ponderado por todos os adeptos de ideologias supostamente altruístas que levaram ao horror dos campos de concentração. Mas os fanáticos da doutrina do homem<sup>64</sup> que dedicou *300 páginas* a refutar Stirner cairão em todas as armadilhas denunciadas pelo *Único*: o culto à personalidade, a razão de Estado, o culto ao Partido, a transformação da doutrina em religião.”<sup>65</sup>

Com as reservas que acabo de fazer, partilho o ponto de vista dos autores de *Black Flame* de que “O antiestatismo é, na melhor das hipóteses, um componente necessário do pensamento anarquista, mas não uma base suficiente para classificar determinadas ideias ou um pensador específico como parte da tradição anarquista.”<sup>66</sup> Mas dizer que o antiestatismo por si só não é suficiente para definir alguém como anarquista nos dá uma indicação do que o anarquismo não é, *mas não nos diz nada sobre o que o anarquismo é*.

O Capítulo 2 de *Black Flame* tem como objetivo “desenvolver uma compreensão da doutrina do anarquismo e suas origens, e delinear as principais características da doutrina anarquista”. Notemos que estamos falando de *doutrina* e não de ideologia: *ao contrário de Felipe Corrêa, Schmidt e van der Walt nunca falam de*” ideologia anarquista”.

O anarquismo é definido como “uma doutrina socialista revolucionária e libertária”: “defendendo a liberdade individual por meio de uma sociedade livre, o anarquismo visa criar uma ordem socialista democrática, igualitária e sem Estado, por meio de uma revolução social internacional e internacionalista que abolirá o capitalismo, a propriedade de terras em larga escala e o Estado”.<sup>67</sup> Esta é uma definição realmente minimalista e um tanto confusa, na minha opinião. O termo “democrático” não me parece adequado, o conceito de “sociedade livre” não é claro, e a noção de “revolução internacional e internacionalista” merece ser explicada. Pessoalmente, eu não teria *começado* a definição falando de liberdade individual que, na minha opinião, só pode ser consequência de uma sociedade emancipada do capital, do Estado e de Deus.

Em *Black Flame* há muitas indicações pontilhistas do que é anarquismo; mas espalhados pela primeira parte da obra.

---

<sup>64</sup> Este é Marx em *A Ideologia Alemã*.

<sup>65</sup> René Berthier, *Lire Stirner*, <https://monde-nouveau.net/spip.php?article291>

<sup>66</sup> ... “antistatism is at best a necessary component of anarchist thought, but not a sufficient basis on which to classify a set of ideas or a particular thinker as part of the anarchist tradition.”

<sup>67</sup> Página 33.

Então, anarquismo é:

- “um tipo de socialismo” que é “contra o capitalismo e a propriedade fundiária em grande escala, mas é também um tipo de socialismo *libertário*” que “rejeita o Estado e a hierarquia de forma mais geral”, que considera que “a liberdade e a individualidade” são muito importantes; que é a favor de uma sociedade “sem classes, igualitária, participativa e criativa” (p. 6).

- “O anarquismo é internacionalista, destacando interesses comuns de classe em todo o mundo, independentemente de fronteiras, culturas, raças e gênero.” É “uma forma de socialismo revolucionário e libertário que surgiu inicialmente dentro da Primeira Internacional” (p. 7);

- “O anarquismo faz parte da ala libertária do socialismo e remonta à Primeira Internacional, que durou de 1864 a 1877; ela “se apresenta como um conjunto preciso e claro de posições” (p. 19).

- O anarquismo defende a “luta de classes de baixo para cima para criar um mundo melhor” (p. 33).

- Ele se declara a favor de uma sociedade “racional, democrática e moderna”, que preconiza uma “economia planificada” (p. 47);

- Ele tem um “profundo respeito pelos direitos humanos” (p. 48),

- Ele luta para “substituir o capitalismo e o Estado pela propriedade coletiva dos meios de produção” (p. 56),

- Onde “a liberdade individual seria harmonizada por obrigações comuns através da cooperação” (p. 71).

- O anarquismo surgiu “do movimento socialista e do movimento trabalhista há 150 anos” “no contexto da revolução industrial e da ascensão do capitalismo” (p. 72);

- Ele é “o filho do Iluminismo do século XVIII” (p. 72). Esta última observação é interessante na medida em que dá credibilidade à ideia de precursores, à ideia de que o anarquismo é o ápice de uma evolução histórica anterior à Primeira Internacional – algo que Schmidt e van der Walt parecem negar em outros lugares.

Mas é difícil dizer que tudo isso fornece uma definição clara. Tendo a concordar com todos os pontos levantados, mas reconheço que muitos deles mereceriam ser esclarecidos ou mesmo definidos, como “economia planificada”, “democracia”, “racional”,

Embora o anarquismo seja descrito como um “filho do Iluminismo”, encontramos em *Black Flame* um desejo claramente declarado de dissociá-lo desta tendência que quer fazer dela uma expressão de pensamento universal sem um fundamento histórico claramente definido: o anarquismo não é “um aspecto universal da sociedade ou da psique” (p. 72). Esta observação provavelmente tem a intenção de distanciar alguém daqueles que afirmam que “o anarquismo é um movimento que existe ao longo da história e que provavelmente está enraizado na

natureza humana”. Schmidt e van der Walt se opõem à ideia de que houve manifestações constantes de “anarquismo” ao longo da história, chegando ao taoísmo, aos anabatistas ou mesmo a um certo filósofo da antiguidade grega, como antecedentes desse movimento. Entendo a irritação dos autores de *Black Flame*: não há dúvida de que aqueles que fazem essas conexões diretas contribuem para apresentar o anarquismo como uma escola de pensamento incoerente. Schmidt e van der Walt corretamente apontam que “agrupar Stirner com Bakunin sugere inevitavelmente incoerência” (p. 40) – e nisso eles estão certos.<sup>68</sup>

Na minha opinião, o anarquismo *como movimento político e social* surgiu na época da revolução industrial, defendendo a emancipação econômica do sistema capitalista, a emancipação política do Estado e a *emancipação ideológica da religião e de Deus*. Mas há muito pouca conversa sobre Deus e religião em *Black Flame*. Embora o livro mencione *de passagem o ateísmo de Bakunin, Proudhon, Kropotkin e Tucker*, o ateísmo não aparece em nenhum lugar como um dos pilares do anarquismo. Schmidt e van der Walt estão dispostos a falar sobre a emancipação econômica do Capital, a emancipação política do Estado, mas ignoraram a emancipação ideológica de Deus. No entanto, Bakunin, sua única referência em termos de anarquismo, frequentemente fala sobre isso; No entanto, *a primeira frase* do programa da Aliança Bakunin, sobre o qual tanto falam, afirma: “a Aliança se declara ateísta”... Esta pequena frase, embora essencial em Bakunin, parece ter escapado a Schmidt e van der Walt.

O objetivo do movimento anarquista é alcançar a apropriação e gestão coletiva dos meios de produção e distribuição por meio de formas federativas de organização, a substituição do Estado por uma organização federativa de comunas, regiões, etc., e a implementação de um sistema educacional que negue qualquer ideia de transcendência.

Esta também é uma definição minimalista, que provavelmente precisa ser completada, mas que provavelmente, creio eu, atenderá à maioria dos anarquistas. Entretanto, há uma deficiência significativa em *Black Flame*: o ateísmo não parece ser um elemento constituinte da definição de anarquismo. Nunca há qualquer menção a Deus (exceto no título “deus e o Estado” e no slogan “Nem Deus nem senhor” ); a questão da não existência de Deus não é abordada. O anarquismo de Schmidt-Van der Walt não parece ser uma doutrina baseada em três pilares: a luta contra a opressão econômica (O Capital ); a luta contra a opressão política (o estado) e a luta contra a opressão religiosa (Deus). No entanto, Proudhon foi muito claro:

“deus na religião, o Estado na política, a propriedade na economia, tal é a tríplice forma pela qual a humanidade, tendo-se tornado estranha

---

<sup>68</sup> Em toda a sua obra, Bakunin menciona o nome de Stirner apenas uma vez, e de forma muito pejorativa.

a si mesma <sup>69</sup>, nunca deixou de se despedaçar com suas próprias mãos”<sup>70</sup>...

Apesar desta omissão muito lamentável, compartilho o essencial do que está escrito em *Black Flame* sobre o anarquismo, mas não compartilho do ponto de vista ali desenvolvido sobre a *gênese* do anarquismo. Na verdade, o livro ignora um fato que me parece importante, que é o de que não podemos raciocinar sobre a gênese do anarquismo da mesma forma que sobre o marxismo. O marxismo é uma doutrina política associada a um homem, Karl Marx, que viveu no <sup>século XIX</sup> século. É óbvio que nessas condições não se pode falar de “marxismo” antes de Marx. Mas *o comunismo existia muito antes de Marx*. E o comunismo de Marx está, sem dúvida, ligado a uma tradição anterior.

Então podemos opor o marxismo ao bakuninismo, ao proudhonismo, por exemplo. E podemos opor o anarquismo ao comunismo. A partir de então, não se pode mais negar que houve, antes do surgimento do anarquismo e do comunismo como *movimentos políticos*, correntes de pensamento precursoras de ambos. A abordagem um tanto dogmática de Schmidt e van der Walt, que situam o surgimento do anarquismo em meados do <sup>século XIX</sup> século, obviamente não está errada, mas sua abordagem continua extremamente reducionista, mesmo se entendermos o que os motiva: evitar considerar tudo e qualquer coisa como “anarquista” e evitar limitar o anarquismo à oposição ao Estado. A abordagem deles me parece um pouco congelada, um pouco como se o anarquismo tivesse surgido *do nada*.

A segunda metade do século XIX foi o período do surgimento do socialismo em geral, do qual o anarquismo era, na verdade, apenas uma variante. As primeiras formas de socialismo foram marcadas pela religiosidade e pelo utopismo. Schmidt e van der Walt não fazem justiça a Proudhon, que criticou vigorosamente o utopismo, opondo-o em seu *Sistema de Contradições Econômicas* ao que ele chama de “socialismo científico”. Um movimento de ideias como o socialismo (e sua variante anarquista) não apareceu como um demônio saindo de uma caixa. A forma completa dessas correntes políticas e das doutrinas nas quais elas se baseiam só poderia ser alcançada por meio de uma evolução lenta e da crítica aos seus precursores. Houve necessariamente uma evolução no pensamento que resultou na forma completa do socialismo e do anarquismo. Não há razão para ignorar o fato de que houve precursores, desde que permaneçamos críticos.

Assim, num texto intitulado “Ensaio sobre os fundamentos teóricos do anarquismo” (2008), escrevi:

“O movimento anarquista nasceu em meados do século passado a partir do encontro de dois fatores: a tendência imemorial da

---

<sup>69</sup> Ou seja, alienados.

<sup>70</sup> Proudhon, *Système des contradictions économiques*.

humanidade de lutar contra a opressão política e a exploração econômica; a revolução industrial e a formação do movimento operário moderno.”

Eu também adicionei isto:

“O anarquismo, como *doutrina política moderna*, desenvolver-se-á a partir de duas fontes que se enriquecerão mutuamente: a crítica ao comunismo doutrinário e utópico francês levada a cabo por Proudhon; Crítica de Bakunin à filosofia alemã. Mas é sobretudo através da experiência prática da luta social e da solidariedade de classe dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores que o movimento coletivista ou socialista revolucionário (que mais tarde seria chamado de “anarquista”) surgiria como um movimento de massas organizado.”<sup>71</sup>

É claro que quando falamos de “luta social” e “solidariedade de classe”, temos a afirmação de que o anarquismo é parte da luta de classes, o que Edilene Toledo nega, como veremos.

### ***Anarquismo: uma ciência?***

Bakunin não considera o socialismo (ele não falou de anarquismo) uma ciência. Ele frequentemente enfatizou os limites da ciência.<sup>72</sup> Kropotkin, ao contrário, queria dar uma base científica ao anarquismo. Ele era um verdadeiro estudioso, não predisposto em princípio a cair no cientificismo de sua época, mas às vezes tinha dificuldade em resistir a ele. Mas sua preocupação em dar uma base científica ao anarquismo visava acima de tudo mostrar que o anarquismo é uma doutrina cientificamente viável. O que vai contra as posições de Schmidt & van der Walt, que pensam, segundo Corrêa, que “o anarquismo não pode ser comprovado cientificamente”<sup>73</sup> – o que não era de forma alguma a opinião de Kropotkin.<sup>74</sup> Na verdade, esse não é o problema. Penso que o problema não é que o anarquismo deva ou possa ser provado cientificamente, mas que os diferentes elementos de princípio, programático, organizacional, não devem estar em oposição à ciência, isto é, à observação e à experiência.

---

<sup>71</sup> [http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/\\_Essai\\_sur\\_les\\_fondements\\_theoriques\\_de\\_l\\_anarchisme\\_--2.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/_Essai_sur_les_fondements_theoriques_de_l_anarchisme_--2.pdf)

<sup>72</sup> Veja a entrevista de Berthier com Corrêa “Teoria política e método de análise no pensamento de Bakunin”. <https://ithanarquista.files.wordpress.com/2014/11/renc3a9-berthier-teoria-polc3adtica-e-mc3a9todo-de-anc3a1lise-no-pensamento-de-bakunin.pdf>

<sup>73</sup> “o anarquismo não pode ser comprovado cientificamente.” *Anarquismo e sindicalismo revolucionario, Uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis,*

Se alguém me provasse que a organização global de uma sociedade de forma anarquista é impossível, eu deixaria de ser anarquista sem hesitação (mas com pesar). Mas a observação e a experiência me mostram que isso é possível, já que algo assim foi realizado durante vários anos na Espanha na década de 1930. Poderiam me dizer que três anos talvez não sejam suficientes para afirmar a validade de um experimento. Mas posso pensar legitimamente que três anos de tal experiência, ocorrida em condições difíceis, me permitem deduzir que essa experiência seria válida se boas condições fossem atendidas.

Pelo contrário, eu poderia dizer que um século e meio de estratégia parlamentar provou em grande parte seu fracasso. Em maio de 68, havia um slogan que dizia: “Se as eleições pudessem mudar alguma coisa, elas já teriam sido proibidas há muito tempo”. Por outro lado, os 80 anos de comunismo de estado na União Soviética não falam particularmente a favor do socialismo de estado.

A exigência de coerência também deve se aplicar a uma “descoberta” relativamente recente dos vários movimentos sociais que surgiram nos últimos dez ou vinte anos: estou falando do “horizontalismo”, uma concepção de organização onde a descentralização é extrema e que, na minha opinião, não tem nada a ver com o anarquismo, mas do qual Kropotkin poderia ser considerado o precursor. Embora esse tipo de organização tenha demonstrado sua capacidade de mobilizar as massas, incluindo em grande escala, ainda não demonstrou sua capacidade de organizar as massas em atividades concretas ao longo do tempo, e acho que nunca o fará. É aqui que se aplica o princípio da não contradição: a prova da validade do horizontalismo para organizar qualquer coisa em grande escala e ao longo do tempo ainda não recebeu nenhum início de prova. E acho que o simples bom senso deveria nos convencer de que esse tipo de tarefa está além do alcance do horizontalismo. Proudhon já havia estabelecido os limites do horizontalismo (termo que, claro, não existia em sua época), mas criticando o mandato imperativo: assembleias gerais permanentes são úteis em tempos de agitação, mas para gerir a sociedade. É justamente aí que entra o federalismo, que não pode ser confundido com o horizontalismo.

Nesse sentido, o horizontalismo não pode, como eu disse acima, “estar em oposição à ciência, isto é, à observação e à experiência”. A moda do horizontalismo entre muitos ativistas libertários vem, na minha opinião, da falta de compreensão do que é federalismo.

A designação de anarquismo como uma “ideologia” por Corrêa tem a intenção de distingui-lo da ciência.<sup>75</sup> Retorno às reservas que formulei em “Teoria política

---

<https://ithanarquista.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/felipe-corr3aaa-anarquismo-e-sindicalismo-revolucion3a1rio.pdf>

<sup>74</sup> Ver: René Berthier, “Kropotkin: Uma tentativa de abordagem científica ao anarquismo”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 179>.

<sup>75</sup> “...podemos extrair os princípios político-ideológicos que dão corpo à espinha dorsal do anarquismo, sendo este entendido como uma ideologia – e, portanto, não como

e método de análise no pensamento de Bakunin” e à noção de “doutrina anarquista”, que prefiro à “ideologia anarquista”: é óbvio que uma doutrina não pode ser uma ciência porque não estabelece leis, mas apenas princípios de ação, com a ressalva de que uma doutrina política não pode ser credível se estabelece princípios contrários à ciência (ou, mais simplesmente, à razão e ao senso comum). Se, por exemplo, os anarquistas dissessem que depois da revolução os serviços públicos seriam geridos por assembleias gerais permanentes, em democracia direta, eles simplesmente não poderiam ser levados a sério.

Segue-se que uma estratégia anarquista de emancipação humana não pode ser baseada em princípios fantasiosos ou em simples desejos desligados da realidade (é o que se chama de utopismo): ela deve resultar de uma observação dos fenômenos sociais e dos diferentes mecanismos de dominação e exploração, a fim de definir primeiro os meios de luta coletiva e depois de organização coletiva. É por isso que os libertários teriam todo o interesse, na minha opinião, em estudar a sociologia das organizações, uma disciplina amplamente utilizada por aqueles no poder, mas que seria necessário desviar em nosso próprio benefício. Envolve analisar o funcionamento das organizações, suas estruturas, a fim de compreender as relações de poder que inevitavelmente surgem, a dinâmica de grupo, as relações sociais, a comunicação entre grupos, as interações com seu ambiente, etc. E em vez de usar o conhecimento adquirido para manipular as pessoas, ele poderia ser usado para determinar o que é possível em um determinado ambiente e como neutralizar as relações de poder. Não podemos lutar contra um sistema político e social se não sabemos do que ele é feito e como funciona. Que envolve trabalho de observação e análise, primeiro; e um trabalho de reflexão para implementar os meios pelos quais lutaremos – ou seja, uma “estratégia”, diria Corrêa.

O que Corrêa chama de “classismo” é a constatação de que a sociedade está dividida em classes antagonicas e que é a partir desse antagonismo que deve ser pensada uma estratégia de transformação: “O classismo implica necessariamente uma noção de associação e de interesses comuns entre aqueles que são vítimas do sistema de exploração e dominação.”<sup>76</sup> Compartilho também a ideia de que devemos considerar a luta contra o capitalismo e pela construção de uma sociedade socialista de um ponto de vista internacional, mas devemos permanecer modestos: a intervenção significativa do movimento libertário em tal processo não é concebível por muito tempo, dado seu atual estado de fraqueza. Então, se o princípio de uma “estratégia” pode ser considerada, devemos começar construindo algo credível em nível local.

Além disso, o movimento libertário deve perceber que hoje, nos países industriais desenvolvidos, a classe trabalhadora representa menos de 20% da população. Portanto, se podemos considerar que a classe trabalhadora continua

---

ciência.” Corrêa, p. 47.

<sup>76</sup> Corrêa, *loc.cit.* pág. 48.

sendo um elemento decisivo em uma transformação revolucionária (o “classismo” ), ela não poderá agir sozinha. É, portanto, necessário também considerar uma estratégia de alianças com outras classes sociais, certos setores das classes médias com os quais é necessário falar e propor projetos que possam interessá-los. É impossível referir-se ao esquema proudhoniano ou bakuniniano na medida em que a sociologia das classes sociais mudou consideravelmente: por exemplo, na França, o campesinato representa 1% da população. Nos países industriais desenvolvidos, o campesinato é reduzido a muito poucos, numericamente.

Em um país como o Brasil, a situação não é nada parecida. Há alguns anos traduzi para o francês um texto brasileiro, “O Anarquismo Especificista no Nordeste do Brasil” (1.º encontro do anarquismo específico do Nordeste) que critica

“Algumas correntes socialistas, fiéis a sua raiz ideológica, seguem mantendo o ‘fetiche’ de que apenas os operários urbanos e das fábricas são os protagonistas de uma verdadeira transformação da sociedade; disseminando um forte desprezo pelos setores mais oprimidos e explorados do nosso povo e demonstrando a falta de entendimento político pelo apego a um centralismo caduco e equivocado. Para estas correntes, os únicos ‘sujeitos revolucionários’ são os operários – ‘que sujaram os macacões nas fábricas’ – em detrimento do conjunto do proletariado, entendidos aqui enquanto o conjunto dos/as trabalhadores/as, inclusive os/as desempregados/as, e das comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, pescadores e etc).

“Resumir nossa atenção e esforço militante a um único setor, por mais importante que este seja, é cair em um erro já alertado por Mikhail Bakunin, desde a segunda metade do século XIX. A revolução apenas dos trabalhadores fabris e das cidades é insuficiente para dar conta de um processo avançado de lutas que nos leve a uma ‘vitória duradoura’ pela transformação radical da sociedade.”<sup>77</sup>

Concordo plenamente com estas observações, que ecoam as posições dos sindicalistas revolucionários da CGT das décadas de 1920 e 1930 na França, e que deram uma definição do proletariado que não se limitava ao operário fabril:

“...o trabalhador industrial ou agrícola, o artesão urbano ou rural – trabalhe ou não com sua família – o empregado, o funcionário público, o capataz, o técnico, o professor, o estudioso, o escritor, o artista, que vivem exclusivamente do produto de seu trabalho pertencem à mesma classe: *o proletariado*.”<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> <http://www.anarkismo.net/article/21040>

<sup>78</sup> Pierre Besnard, *Sindicatos operários e a revolução social*, Editions Le Monde nouveau, reimpressão 1978, p. 26.

Esta definição, datada da década de 1930, mereceria ser atualizada, mas constitui um bom ponto de partida para definir quem é o sujeito (potencial) da revolução: 80% da população. Não podemos nos limitar a uma visão estritamente “classista” da estratégia revolucionária, como alguns anarquistas da tradição plataformista parecem conceber.

Na verdade, se o ator da revolução deve ser o proletariado, isso ainda coloca um duplo problema:

1. Muitas pessoas que são, em princípio, parte do proletariado rejeitam categoricamente essa ideia, porque se sentem desvalorizadas e não querem ser assimiladas aos “trabalhadores”, embora proletário e trabalhador não signifiquem a mesma coisa.

2. Há, portanto, um verdadeiro trabalho de propaganda a ser feito para desafiar essa imagem negativa do proletário na opinião pública.

### **“Anarquismo de massas” e “anarquismo insurrecionalista”**

No nível global, diz Corrêa, que segue Schmidt e van der Walt, o “anarquismo de massa” sempre foi mais importante que o “anarquismo insurrecionalista”, o que é perfeitamente verdade, mas ainda precisamos saber o que cada um significa.

- Segundo os dois sul-africanos (e Corrêa, claro), o conceito de “anarquismo de massas” inclui anarco-sindicalismo + anarquismo específico, o que é bastante curioso porque até agora tendíamos a distinguir entre anarquismo e anarco-sindicalismo. Trata-se, portanto, de descobrir qual a intenção por trás dessa assimilação. No Brasil, acrescenta Corrêa, o anarquismo de massas, que era majoritário, era favorável à organização, enquanto o anarquismo insurrecionalista se opunha a ela. Mas desta vez, por “anarquismo de massas” devemos entender *sindicalismo revolucionário* + anarquismo.

- O insurrecionalismo de Schmidt e van der Walt é percebido de forma muito restritiva: não designa uma corrente que defenda *a revolta em massa organizado* como foi o caso quando os grupos de assalto da CNT e da FAI frustraram a tentativa fascista nas áreas onde essas organizações eram hegemônicas, em julho de 1936. Designa um ato violento e isolado realizado por um indivíduo ou um pequeno número de pessoas: é, de fato, terrorismo. Não está muito claro o que é “insurrecional” em jogar uma bomba no terraço de um café ou na Assembleia Nacional, mesmo que possamos ver claramente a natureza simbólica deste último ato. O que esperamos de uma insurreição é precisamente que ela não seja simbólica. Chamar homens (muito raramente mulheres, note-se) que realizam ataques individuais, escolhendo seus próprios alvos sem pensar nas consequências para o resto do movimento, muito raramente executando verdadeiros culpados, na maioria das vezes pessoas escolhidas aleatoriamente, de insurrecionalistas, acho que isso é um insulto aos anarquistas que *realmente* participaram de insurreições.

É verdade que foi assim que o insurrecionalismo foi (incorretamente)

compreendido no movimento libertário, mas Schmidt e van der Walt poderiam ter inovado ao “esclarecer as coisas”, ao designar os insurrecionalistas como o que são, terroristas, e ao devolver à insurreição suas cartas de nobreza.

O termo “massa” é, na verdade, uma forma de não falar sobre anarco-sindicalismo ou, se preferir, de “reforçar” o anarquismo (que não é “massa”) com o sindicalismo revolucionário ou o anarco-sindicalismo (que é). Há algo de manipulador nessa tipologia.

Uma pergunta ainda deve ser feita: É relevante classificar sob o título “anarquismo” duas visões opostas, como massa-maioria-organização, por um lado, e minoria-insurreição-antiorganização, por outro? ? Que ligação, se houver, existe entre essas duas visões, essas duas “estratégias”? Existe pelo menos um mínimo de coerência entre eles? ? Como se pode considerar uma “insurreição” sem estar organizado? Além disso: por que integrar ao anarquismo o insurrecionalismo, que se opõe à organização, e rejeitar o individualismo, que é igualmente oposto a ela? Como os autores de *Black Flame* justificam a inclusão do anarquismo insurrecionalista (que eles reconhecem como sendo uma minoria) no anarquismo, mas não o individualismo, sabendo que os apoiadores dessas duas correntes eram praticamente os mesmos? Corrêa tem, portanto, toda a razão ao salientar, falando do insurrecionalismo, que “entre aqueles que se diziam “individualistas anarquistas” quase todos apoiavam ou eram adeptos desta estratégia”.<sup>79</sup> Isso não é consistente.

Esta é uma inconsistência que Toledo aproveita, designando a variante visão insurrecionalista minoritária do anarquismo como anarquismo “legítimo”, e que equipara “posições estratégicas” com “princípios”. É claro que Corrêa tem razão em se recusar a considerar que os aspectos insurrecionalistas e anti-organizacionais do anarquismo representam o ponto de vista global do anarquismo. Mas como podemos dissociar um movimento político da estratégia que ele adota? ? Na minha opinião, o insurreccionismo não é uma doutrina, mas também não é uma estratégia, ao contrário do que pensa Corrêa: é, no máximo, uma tática.

O oposto do insurrecionalismo é o “gradualismo”: é obviamente falso dizer que o anarquismo *como um todo* defende formas progressivas e não violentas de transformação da sociedade. Essa estratégia caracteriza precisamente o socialismo reformista e, muito incidentalmente, algumas franjas muito marginais do movimento anarquista. Corrêa tem razão ao dizer que “essa estratégia tem sido pontualmente defendida no anarquismo, o que não significa que a maioria tenha

---

<sup>79</sup> “muito do que se chamou ‘individualismo anarquista’ foi praticamente todo incentivador e/ou adepto dessa estratégia.” (Corrêa, p. 51). Corrêa acrescenta: “O ‘anarquismo insurrecionalista’ foi defendido por anarquistas como Luigi Galleani, Émile Henry, Ravachol, Marius Jacob, Nicola Sacco, Bartolomeo Vanzetti, Clément Duval e Severino DiGiovanni. Foi defendido também por agrupamentos, como os franceses do Bando de Bonnot...”

optado por ela”.<sup>80</sup> De fato, há Proudhon, que esperava alcançar a “liquidação social” sem muita violência, mas os avisos que ele deu aos ricos se eles não fossem razoáveis são muito explícitos. Na verdade, acho que o debate violência/não violência revolucionária é um debate falso. Ou melhor, é uma maneira ruim de colocar o problema.

Não partilho, portanto, da distinção feita por Schmidt & van der Walt – e por Corrêa – entre “anarquismo de massas” e “anarquismo insurrecionalista”. O anarquismo é, por definição, “de massa”, pois envolve a transformação da sociedade e, conseqüentemente, a colocação em movimento de uma grande massa de pessoas. A insurreição em si não qualifica o anarquismo, é uma *das opções possíveis* a que o anarquismo (de massas) recorrerá, se necessário, mas não é em si uma “estratégia”: é no máximo uma tática possível.

Na minha opinião, uma corrente política que defende a não organização – é o caso dos chamados anarquistas “insurreccionistas” – não pode se chamar de “anarquista” porque o anarquismo defende a auto-organização dos trabalhadores e do povo para alcançar sua própria emancipação. Gostaria de salientar que o “insurrecionalismo” em questão não é a insurreição de massas organizadas, mas a iniciativa de indivíduos ou grupos muito pequenos que realizam ataques individuais, isolados, sem vínculos com nenhuma estratégia global, que muitas vezes matam pessoas inocentes, mas cujos autores pensam que irão “acordar” as massas e torná-las conscientes da necessidade de fazer uma revolução. Esta é uma forma hipertrofiada de vanguardismo totalmente contrária à doutrina anarquista.

Ao contestar a necessidade de lutas de protesto e afirmar que elas são sistematicamente canceladas pelo capitalismo, os insurreccionistas não estão inventando nada. *Proudhon disse isso bem antes deles!* Fernand Pelloutier também disse isso. Essa questão é extremamente banal, o que nunca impediu que os sindicalistas libertários lutassem ao lado de seus companheiros de trabalho para obter melhorias. Os ativistas libertários envolvidos no movimento sindical sabiam disso muito bem. No 2º Congresso Nacional dos Sindicatos Operários Franceses, realizado em Montluçon *em outubro de 1887, foi* adotada a seguinte resolução:

“Considerando que as greves parciais não conseguiram até hoje obrigar os exploradores com absoluta eficácia a respeitar as justas reivindicações dos trabalhadores;

“O congresso nacional dos sindicatos operários franceses submeteu às corporações o estudo de uma cessação geral do trabalho.”

*Em outras palavras, a greve geral.* Mas enquanto esperavam pela greve geral, isso não os impediu de lutar para melhorar suas condições imediatas de vida e de

---

<sup>80</sup> “...tal estratégia tenha sido pontualmente defendida no anarquismo, isso não significa que a maioria tenha optado por ela.”. Corrêa, p. 45

trabalho: hoje, nenhum anarquista na França sonharia em negar a utilidade de cinco semanas de férias pagas, da semana de 35 horas, do seguro saúde geral, das pensões de aposentadoria, etc..

Por que os anarquistas persistiram na luta no movimento sindical, sabendo que nenhum resultado definitivo seria alcançado? ? Porque, como disse Bakunin, a ação de protesto é um treinamento permanente para a ação. Ou, para usar a expressão de Émile Pouget, porque é uma “ginástica revolucionária”. Bakunin também disse que a greve era um meio insubstituível de criar um espírito de solidariedade dentro do proletariado:

“Quem não conhece os sacrifícios e sofrimentos que cada greve traz para os trabalhadores? Mas as greves são necessárias; Eles são tão importantes que sem eles seria impossível lançar as massas na luta social e organizá-las.

“A greve é guerra, e as massas populares são organizadas apenas na guerra e através da guerra que arranca cada trabalhador do seu isolamento habitual, absurdo, sem alegria e sem esperança; a guerra o une imediatamente a todos os outros trabalhadores em nome de uma única paixão ou de um único objetivo e faz com que todos compreendam, da maneira mais óbvia e convincente, a necessidade de se organizar rigorosamente para obter a vitória. (...)

“Cada greve é tanto mais preciosa porque amplia e aprofunda mais e mais o abismo que agora separa em todos os lugares a classe burguesa das massas populares; que mostra da maneira mais óbvia aos trabalhadores a absoluta incompatibilidade de seus interesses com os dos capitalistas e dos proprietários, arruinando assim, nos sentimentos das massas, hoje exploradas e escravizadas pelo Capital e pela grande propriedade, qualquer possibilidade de compromisso ou acordo; cortando pela raiz o que chamamos de socialismo burguês, ele coloca a causa da emancipação do povo fora de todas as combinações econômicas e políticas das classes possuidoras.

“Sim, não há melhor maneira do que uma greve para afastar os trabalhadores da influência política da burguesia.”<sup>81</sup>

Eu acrescentaria que, na questão das reivindicações imediatas capazes de aliviar, mesmo temporariamente, a situação do proletariado, a Aliança Bakunin foi extremamente clara:

“além das grandes questões da emancipação definitiva e completa dos trabalhadores pela abolição do direito de herança, dos Estados políticos

---

<sup>81</sup> *A Aliança Universal da Social Democracia. Seção russa. Para a juventude russa.* Veja “Bakunin e a Greve”,

[http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/bakounine\\_sur\\_la\\_greve.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/bakounine_sur_la_greve.pdf)

e pela organização da produção e da propriedade coletivas, bem como pelas outras vias que serão posteriormente indicadas pelos Congressos, a Seção da Aliança estudará também e tentará aplicar todos os meios provisórios ou paliativos que possam aliviar, ainda que parcialmente, a situação atual dos Trabalhadores?”<sup>82</sup>

Não há melhor resposta ao insurrecionismo do que estas palavras de Bakunin.<sup>83</sup>

Eu poderia conceber a existência de um anarquismo insurrecionalista se fosse uma corrente que defendesse a organização da classe trabalhadora, dos explorados e oprimidos para uma ação de massa coordenada contra o capitalismo e o Estado. Nessa perspectiva, aqueles anarquistas que tiverem inclinação poderiam contribuir para preparar os militantes para o assalto final, para instaurar uma instrução, não diria militar, mas um treinamento com vistas a enfrentar as diferentes reações violentas do Estado, das milícias a serviço do capital. Foi o que aconteceu em julho de 1936 na Espanha: por iniciativa da CNT-FAI, o proletariado se levantou contra o golpe de Estado de Franco. Isto é insurrecionalismo. Ou na Ucrânia, com o exército insurrecional makhnovista. Mas essas foram revoltas em massa e organizadas.

Há uma curiosa contradição no argumento de Corrêa, pois, ao falar de “anarquismo de massas” e insurrecionalismo, ele afirma que “ambas as estratégias são necessariamente anarquistas”<sup>84</sup>, e que se distinguem pelo fato de que o primeiro é favorável à organização e o segundo não. Corrêa parece não perceber a incoerência dessa afirmação: duas “estratégias” diferentes são “necessariamente” (por que *necessariamente?*) anarquistas, embora estejam em extremos opostos do espectro. Mas, por outro lado, ele nega o individualismo, que também rejeita o princípio da organização, a qualificação do anarquista, embora muitos individualistas sejam a favor da insurreição, e muitos insurrecionistas sejam individualistas. ! As duas correntes se fundem quase completamente. É claro que o comentário também se aplica a Schmidt e van der Walt.

Novamente, isso não é consistente.

Michael Schmidt e Lucien van der Walt se recusam a fazer distinção entre anarquismo e anarco-sindicalismo. Esta é uma abordagem que ignora o fato de que a primeira forma de anarquismo, que surgiu entre a dissolução da Internacional em 1877 e o Congresso de Londres em 1881, era insurrecionalista e *antissindicalista*, enquanto o anarcossindicalismo como movimento de massas surgiu no decorrer da década de 1920! *Quarenta anos separam essas duas formas*, que nunca chegaram a se fundir. Formas de “anarquismo de massa”

---

<sup>82</sup> *Relatório sobre a Aliança*. Ver “bakunin e a greve”, [http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/bakounine\\_sur\\_la\\_greve.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/bakounine_sur_la_greve.pdf)

<sup>83</sup> Sobre a crítica de Bakunin ao insurrecionismo, veja: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article567>.

<sup>84</sup> Corrêa p. 53.

existiram, como na Argentina. ou na Ucrânia: Elas não eram “anarco-indicalistas” nem sindicalistas revolucionários.

O caso da Argentina é um pouco complicado. *Black Flame* evoca a Federação Operária Argentina criada em 1901 e que os anarquistas tomaram o controle em 1904 para transformá-la em FORA. Era, disse o livro, “inquestionavelmente o centro dominante da classe trabalhadora do país. Um centro menor e moderado controlado por socialistas políticos, a UGT, foi rapidamente reestruturado para formar a sindicalista revolucionária CORA em 1919, que mais tarde foi absorvido pela anarquista FORA, precipitando a divisão deste último em um radical ‘anarco-comunista’ FORA-V e uma anarcossindicalista mais convencional FORA-IX.”

Pode-se ler também que “a Federação Operária Argentina (FOA), fundada em 1901 (...) foi capturada pelos anarquistas em 1904” (*captured*).

As coisas não saíram exatamente como *Black Flame* disse. A FOA foi fundada por cerca de quarenta sociedades operárias anarquistas e socialistas, mas em seu segundo congresso os socialistas, que eram minoria, se dividiram e fundaram a UGT. As sociedades anarquistas permaneceram na FOA e mudaram seu nome para FORA no 4º congresso. A FOA, portanto, não estava “perfurado por dentro” (*bored from within*), os anarquistas já estavam lá, contribuíram para sua fundação e eram maioria quando os socialistas saíram.

Schmidt e van der Walt falham em mencionar que o “sindicalismo revolucionário” argentino tem pouco a ver com o que normalmente é entendido por ele. Introduzido por iniciativa de intelectuais socialistas italianos e sorelianos, sempre esteve em violenta oposição ao anarquismo. Anarquistas e “sindicalistas revolucionários” na Argentina eram adversários, o que não concorda nem com a tese de *Black Flame* nem com a de Toledo. Schmidt e van der Walt também não mencionam que os “sindicalistas revolucionários” colaboraram com o governo.<sup>85</sup>

Por fim, a última lacuna na descrição do anarquismo argentino feita em *Black Flame* é a afirmação de que a FORA reuniu um número proporcionalmente maior de trabalhadores do que a CNT espanhola, o que é totalmente falso. É indiscutível que a corrente anarquista era poderosa no movimento operário argentino, mas o movimento operário argentino era constantemente fragmentado e reagrupado, e os anarquistas desempenharam seu papel nessa fragmentação. Além disso, havia uma oposição considerável da corrente forista à criação de grupos anarquistas, oposição que às vezes terminava em assassinato.

O próprio movimento anarquista pode ser considerado como tendo nascido em Londres em julho de 1881. O álibi para convocar este congresso foi a reconstituição da AIT, mas nada aconteceu. De qualquer forma, não era para

<sup>85</sup> Cf. Ariane Miéville, “Anarchisme ouvrier contre “syndicalisme révolutionnaire”. – Un combat de la Fédération ouvrière régionale argentine”, [https://monde-nouveau.net/IMG/pdf/fora\\_mieville.pdf](https://monde-nouveau.net/IMG/pdf/fora_mieville.pdf)

definir uma estratégia sindical. Treze países foram representados, com uma gama de países que aparentemente denotavam uma implantação que não seria encontrada novamente por um longo tempo, uma vez que representantes da Sérvia, Turquia, Egito conviveram com delegados alemães, suíços, ingleses, belgas, franceses, holandeses, espanhóis, russos e americanos – mas nenhuma indicação foi dada sobre os *efetivos reais* dos grupos presentes. Também estavam presentes representantes de federações que afirmavam fazer parte da Internacional antiautoritária.

Dois moções foram aprovadas: a primeira, que nunca foi implementada, previa a criação de um “secretariado internacional de informações”. A outra moção, referindo-se a AIT, recordou que este havia “reconhecido a necessidade de combinar propaganda verbal e escrita com propaganda por atos”. A referência à AIT era um engano, porque a Internacional antiautoritária não entendia “propaganda pela ação” no sentido que os anarquistas de 1881 entendiam, mas no sentido de criações positivas. Em 1881 a moção propunha “espalhar o espírito de revolta” e agir “no terreno da ilegalidade, que é o único caminho que leva à revolução”. Assim, *Le Révolté*<sup>86</sup>, em 23 de julho de 1881, inaugurou a era dos ataques anarquistas:

“As ciências técnicas e químicas já prestaram serviços à causa revolucionária e estão sendo chamadas a prestar serviços ainda maiores no futuro; O Congresso recomenda às organizações e indivíduos pertencentes à Associação Internacional dos Trabalhadores que deem grande importância ao estudo e às aplicações dessas ciências, como meio de defesa e ataque.”<sup>87</sup>

Vale ressaltar que a resolução final sobre o uso da química foi votada no último momento.

A partir de então, o movimento anarquista multiplicaria o número de folhetos com receitas para materiais explosivos e fabricação de bombas. São realizados sorteios, nos quais os vencedores podem adquirir punhais, pistolas e outras ferramentas de propaganda. Ainda levaria cerca de dez anos de “maturação” para que o movimento anarquista francês fizesse suas bombas serem ouvidas. De fato, ocorreram ataques antes de 1892, mas foram reações espontâneas dos trabalhadores: engenheiros sendo jogados pelas janelas, ataques a contra-mestres. Então, por dez anos, a dinamite seria o meio de propaganda preferido para aquela parte do movimento anarquista que se refugiava em grupos de afinidade, círculos de opinião, mesmo quando a classe trabalhadora estava em processo de reconstituição de suas forças e organizações em um esforço obstinado ao qual

---

<sup>86</sup> Jornal anarquista fundado em Genebra em fevereiro de 1879, do qual Kropotkin foi um dos fundadores. Jean Grave assumiu a gestão em 1883. Ele desapareceu em 1887 para escapar de uma multa e adotou o nome de *Le Révolté*.

<sup>87</sup> *Le Révolté*, 23 de julho de 1881 (não confundir com *La Révolte*).

*outros anarquistas* dariam uma contribuição essencial e que levaria à formação do sindicalismo revolucionário.

Esse cenário também ocorrerá em outros países, como a Espanha, e ao mesmo tempo: duas correntes, uma anarco-comunista, a outra sindicalista, se chocarão com uma violência sem precedentes, como veremos. (Cf. capítulo “Exceção espanhola?”)

Obviamente, tudo isso não se encaixa na mitologia desenvolvida por *Black Flame*.

### ***Propaganda por ação***

Quando Bakunin escreve em “Protesto da Aliança” que no sindicato os trabalhadores são organizados “não pela ideia, mas pela ação”, ele já dá uma ideia do que será “propaganda pela ação” no sentido que a expressão tinha inicialmente, antes de ser distorcida pelos anarquistas insurrecionalistas. Gaston Leval diz sobre este assunto:

“Bakunin, diante do fracasso das tentativas revolucionárias das quais participou e da Comuna, chegou à conclusão de que ‘a hora das revoluções havia passado’. Ele então recomendou ‘propaganda pela ação’, ou seja, realizações diretas servindo como exemplos. Mas como a demagogia e a estupidez eram a lei no movimento anarquista, a fórmula foi interpretada como uma recomendação para ataques individuais, o que nada tinha a ver com o pensamento do grande lutador.”<sup>88</sup>

Ficou claro que, para Bakunin, os militantes operários tinham que se dedicar a múltiplas tarefas, incluindo o estabelecimento de estruturas como cooperativas que melhorariam as condições de vida dos trabalhadores<sup>89</sup>, bibliotecas e escolas para melhorar sua cultura, sindicatos, fundos de assistência para protegê-los contra doenças, cooperativas, etc. Em outras palavras, a ação não se limitava a um compartimento estanque, ela era multidirecional. Essa observação se aplica aos chamados anarquistas “plataformistas” ou “especificistas”, que têm um certo desprezo por ativistas que se dedicam ao que eles chamam de atividades de “estilo de vida” que não são exclusivamente de caráter de “luta de classes”, mas também se aplica aos anarquistas que acreditam que a emancipação humana só será alcançada por meio do individualismo, vegetarianismo, esperanto, nudismo,

---

<sup>88</sup> Gaston Leval, *A crise permanente do anarquismo* (1967). <http://monde-nouveau.net/spip.php?article259>.

<sup>89</sup> Bakunin não acreditava que a extensão geral do cooperativismo pudesse resolver a “questão social”, ele simplesmente pensava que as cooperativas poderiam ter vantagens imediatas, porém limitadas, mas que não poderiam de forma alguma competir com o capitalismo. Ver: “bakunin: textos sobre cooperativas”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article380>

educacionismo etc., excluindo todas as outras atividades. Se os anarquistas fossem capazes de entender que alguma divisão de trabalho poderia ser útil, o movimento seria, sem dúvida, muito mais forte. Os grupos anarquistas que, numa grande cidade, se dedicam a criar centros culturais, bibliotecas, lugares alternativos, atividades para os mais desfavorecidos, etc., são incontestavelmente os que mais se aproximam da estratégia defendida por Bakunin... desde que, naturalmente, se federem entre si.

A Federação Anarquista Francesa é geralmente descrita como uma organização “sintetizista”, um fato que ela geralmente não nega e que frequentemente afirma ser, mas que é tecnicamente *absolutamente falso*. Falando das federações anarquistas francesas e italianas, Schmidt e van der Walt nos dizem que “as organizações sintetizistas frequentemente têm dificuldades operacionais”...<sup>90</sup>.

É bem sabido, não é mesmo, que grupos plataformistas nunca têm dificuldades operacionais...

O quadro que eles nos apresentam da organização anarquista sintetista “típica” é absolutamente assustador: ela seria composta de insurrecionistas, anarquistas antissindicais, sindicalistas de diferentes tipos discutindo sobre todas as questões fundamentais. Além disso, essa organização também poderia incluir correntes não anarquistas, como os stirnerianos, os taoístas e os tolstoianos!

Geralmente não se sabe que a referência ao sintetismo nem sequer aparece nos “Princípios Básicos” da FA francesa. Além disso, das três correntes tradicionalmente referidas pelo sintetismo: comunismo anarquista, anarco-sindicalismo e individualismo, a *última não é mencionada* nos famosos “Princípios Básicos”! Por outro lado, duas outras correntes são mencionadas, com a possibilidade aberta de formação de outras correntes. Em outras palavras, a FA é uma organização anarquista específica na qual existem tendências que reconhecem a luta de classes (mencionada nos Princípios Básicos).<sup>91</sup>

Agora, essa organização apocalíptica que é a Federação Anarquista tem um jornal, possui premissas, uma estação de rádio, livrarias, estruturas editoriais, etc., todas coisas que às vezes são consideradas como desvios do objetivo principal que é a “luta de classes”. No entanto, os ativistas que fazem esta crítica não parecem ver que todas estas atividades são parte integrante da luta de classes; essas são *ferramentas de propaganda* que apoiam a luta de classes. Em nenhum outro lugar além da Rádio Libertaire, os trabalhadores em luta se manifestaram tanto, denunciaram guerras, fascismo, sociedade patriarcal, etc. *Faz parte da propaganda anarquista*, faz parte da luta de classes. Rádio Libertaire é operada por cerca de 200 pessoas, que não são todas da Federação Anarquista, mas são

---

<sup>90</sup> “...organisations formed in such ways often have difficulties in operating” (organizações formadas dessa maneira muitas vezes têm dificuldades em operar).

<sup>91</sup> É verdade que o princípio da luta de classes não foi explicitamente incluído nos “Princípios Básicos” até o início da década de 1970, mas isso foi para regularizar algo que já era aceito há muito tempo.

próximas. Pode-se dizer que a Federação Anarquista pratica “propaganda pela ação” – no bom sentido do termo.

Além disso, a Federação Anarquista Francófona foi a força motriz por trás da organização dos encontros internacionais em Saint-Imier em 2012, durante os quais 4.000 a 5.000 pessoas participaram das diversas atividades oferecidas ao longo de uma semana. Reuniões às quais compareceram diferentes grupos “plataformistas” e “especifistas” do mundo todo, mas de cuja preparação estiveram totalmente ausentes.

É um erro ver uma ruptura definitiva entre a luta no terreno cultural e a luta no terreno social. O erro, é claro, seria acreditar que a luta na arena cultural é suficiente por si só. Todas as atividades do movimento libertário criadas hoje em torno das próprias lutas sociais e destinadas a retransmitir essas lutas sociais estão perfeitamente alinhadas com uma estratégia libertária, com “propaganda pela ação” como foi inicialmente entendida. Em vez de ver uma lacuna entre esses dois tipos de atividade, parece-me que seria mais inteligente considerá-los como complementares e prever uma forma de divisão do trabalho e cooperação no terreno da luta de classes.

### ***Terrorismo ou insurreição?***

O “anarquismo de massas” baseia-se na ideia de que o proletariado deve ser mobilizado em torno de reivindicações imediatas e que os anarquistas devem usar essas mobilizações para torná-las alavancas de mudança revolucionária – uma ideia que encontramos claramente formulada em Bakunin, notadamente em “Política da Internacional” (1869), mas também de forma geral nos debates dentro da AIT.

Os insurrecionistas, pelo contrário, dizem que as reformas são ilusórias, que os sindicatos são os apoiadores da ordem dominante, que são “organizações autoritárias”. Eles defendem ações armadas, que eles chamam de “propaganda pela ação”, para provocar insurreições armadas espontâneas. No entanto, *Black Flame* corretamente aponta que as organizações sindicais revolucionárias eram perfeitamente capazes de organizar greves gerais insurrecionais: no México em 1916; na Espanha em 1917, 1919 e 1936; no Brasil e em Portugal em 1918; na Argentina em 1919; na Itália em 1920.

Os diferentes tipos de anarquismo são identificados por sua estratégia, dizem Schmidt e van der Walt, que corretamente dizem que foi a estratégia do insurrecionismo que formou a imagem do anarquismo na mente da opinião pública após a onda de ataques e assassinatos que marcou o final do século XIX e o início do século XX. É difícil entender, no entanto, como se pode descrever como atos “insurrecionais” atos que são principalmente terrorismo individual e que foram realizados na esmagadora maioria dos casos por uma única pessoa. Não é por acaso que o terrorismo anarquista foi apoiado sobretudo pela corrente individualista.

À primeira vista, a noção de insurreição sugere o movimento de um grande

número de pessoas. A precisão exigiria que encontrássemos uma palavra para designar a prática de ataques individuais e que reservássemos o termo “insurrecionista” para ações verdadeiramente de massa. Mas, na verdade, estamos em um registro completamente idealista: o qualificador “insurrecionalista” não se aplica ao número de pessoas que supostamente se envolveriam em uma insurreição, mas às *intenções* do insurrecionalista individual que *espera* que seu ato individual desencadeie uma insurreição espontânea nas massas exploradas e oprimidas. Colocamos uma bomba em um lugar que consideramos estratégico (um café ou a Assembleia Nacional) e imaginamos que as massas populares se levantarão.

Enquanto o “anarquismo de massas” considera que as lutas parciais elevam gradualmente a consciência popular através da melhoria das condições de vida, e que a revolução social só pode resultar da ação de massas organizadas, os insurrecionistas consideram que as lutas por reivindicações são “fúteis e perpetuam a ordem social existente”,<sup>92</sup> dizem Schmidt e van der Walt.

Há um ponto da “ideologia” anarquista que é difícil de entender: a priori, quando se pretende iniciar uma insurreição, é melhor ser numeroso, e quando há muitas pessoas dedicadas à mesma atividade, é melhor ser organizado. Mas os “insurrecionistas” se opõem à organização. Rapidamente chegamos à ideia de que os números da chamada corrente “insurrecionista” são extremamente pequenos, e então nos perguntamos por que nos preocupamos em considerá-los como uma “corrente”. Talvez o aspecto “espetacular” da atividade dos homens que realizaram os ataques tenha contribuído para sua classificação como um “movimento”?

Comparar os ataques do período de 1890-1900 com o insurrecionalismo parece-me totalmente ilegítimo. Assassinar um chefe de polícia responsável pela morte de centenas de grevistas é uma *execução* – compreensível neste caso – não é um ato de insurreição. Matar 30 pessoas inocentes em resposta a um ato que elas não cometeram é *assassinato*, não um ato de insurreição. Tentar envenenar 200 pessoas com arsênico em um banquete em homenagem a um arcebispo em 1916 não faz do envenenador um insurrecionista – na minha opinião – mas um idiota. O autor desse ato estúpido foi um cozinheiro chamado Dondoglio, discípulo de Galleani. Se não houve mortes, não foi porque o principal envenenador foi leniente, mas porque ele foi zeloso demais e colocou muito arsênico, o que fez as vítimas vomitarem. Dondoglio nunca foi preso.

Os homens que costumam ser citados como parte desta corrente – Galleani<sup>93</sup>,

---

<sup>92</sup> “O anarquismo insurrecional menospreza tais lutas como fúteis e perpetuadoras da ordem social atual.” (*Black Flame*, pág. 124.)

<sup>93</sup> “Um dos principais teóricos do anarquismo insurrecional, Galleani acreditava que todas as reformas, incluindo a organização no e dentro das comunidades, foram em vão, e que a ‘propaganda por actos’ – ações violentas, incluindo o assassinato – era necessário para despertar as classes trabalhadoras para a revolução social.” (*Black Flame*, p. 122.)

Radowitzky, Di Giovanni, Ravachol, Henri – sem dúvida tinham boas razões para agir; Obviamente, na maioria das vezes, era vingança ou retaliação: mas tais motivações não constituem a base de uma *estratégia*. Acho difícil acreditar que isso fosse parte da *estratégia de um movimento*, ou que cada perpetrador individual de um ataque tivesse sua própria *estratégia* individual, o que obviamente não faz sentido. Além de, ocasionalmente, acertar contas com canalhas e, muitas vezes, assassinar pessoas inocentes, não consigo ver como isso constituiria uma “*estratégia*” ou avançaria a causa da emancipação do proletariado.

Dizer que esses homens fazem parte de uma “*grande tradição*” do movimento anarquista é uma afirmação enganosa porque esses homens sempre representaram apenas uma pequena minoria do movimento. Alguns desses homens realmente realizaram atos heróicos: Radowitzky executou um homem culpado de um massacre de trabalhadores, e executou *somente ele*. Em 1923, Kurt Wilkens matou o tenente-coronel Varela, responsável pelo assassinato de 1.500 trabalhadores rurais em greve na Patagônia – e mataram *apenas ele*. Mas Severino Di Giovanni, autor de um atentado contra o Consulado italiano em Buenos Aires deixou nove mortos. Capturado, ele foi baleado. Não há dúvidas de que essas nove mortes fizeram a causa proletária – ou a causa anarquista – avançar alguns centímetros.

Luigi Galleani (1861-1931) é um personagem interessante. Ele era um orador carismático, de origem de classe média, formado em direito e apoiador da insurreição e da “propaganda pela ação”. Ele foi muito ativo nos Estados Unidos de 1901 a 1919. Seu jornal, *Cronaca Sovversiva*, teve grande influência entre os emigrantes italianos na América do Norte e do Sul, Norte da África, Europa e Austrália. Ele defendeu a derrubada do Estado e do capitalismo por meio da violência, incluindo assassinato e dinamite. Galleani representava uma corrente que poderia ser definida como “comunismo anarquista anti-organização”. Considerando as reformas como uma traição ao ideal anarquista (ponto de vista totalmente oposto ao de Bakunin, especifiquemos), ele incitou seus apoiadores a represálias violentas contra os inimigos do movimento anarquista.

Ele acreditava que os anarquistas não precisavam de uma organização estável – política ou sindical (em completa oposição, novamente, à visão de Bakunin). Ele se opôs a programas políticos, a estratégias comuns, a estruturas formais que produzem hierarquia e são limitadas pela disciplina. Ele propôs redes flexíveis de anarquistas formadas a partir de células baseadas em afinidade. Schmidt e van der Walt salientam que uma rede é uma organização, tal como uma célula local, e que os insurrecionistas eram caracterizados por um conjunto específico de análises e posições estratégicas: “Se uma rede de grupos de afinidade individuais pode operar de forma não autoritária e partilhar posições políticas comuns, como pensavam os galeanistas, então não há razão real para assumir que uma organização formal deve ser transformada numa ‘verdadeira hierarquia’, numa organização autoritária; caso contrário, o ‘anti-organizacionalismo’ também não é

uma solução.” (*Black Flame*, p. 240) Não está muito claro, mas entende-se que um agrupamento informal composto por grupos informais pode ser considerado uma organização.

No entanto, Schmidt e van der Walt são muito claros quando acrescentam que “o grande problema da organização informal é o desenvolvimento de hierarquias informais e invisíveis. Por outro lado, regras e procedimentos formais que especificam responsabilidades, direitos e papéis permitem um grau de controle e transparência e fornecem uma salvaguarda contra a ‘tirania da ausência de estrutura’.” Isso é muito bem visto. De fato, embora fosse um defensor da liberdade e da diversidade, Galleani era extremamente intolerante a qualquer discordância, acusando aqueles que se opunham a ele de serem traidores e espiões a soldo do Estado e do Capital. Os grupos de afinidade que se diziam seus seguidores, apegados à própria autonomia, estavam divididos por incessantes disputas e rivalidades, cada um deles buscando superar os outros por seus atos revolucionários.

O que motivou os autores dos ataques? Foi a vingança que levou três anarquistas italianos, apoiadores de Galleani, a tentar destruir a residência de J.D. Rockefeller em Nova York em resposta ao Massacre de Ludlow: os três autores dessa tentativa queriam aplicar as instruções de um manual para fabricação de bombas escrito por Luigi Galleani, no qual havia um erro, e se explodiram com o dispositivo (um incidente relativamente frequente entre anarquistas, o que mostra seu amorismo nessa questão). Foi um discípulo de Galleani, Gaetano Bresci, que foi à Itália para assassinar o rei da Itália, Umberto I, em 1900.

Outra vingança quando, em 9 de dezembro de 1893, Auguste Vaillant jogou uma bomba na Câmara dos Deputados em Paris para vingar Ravachol. Outra vingança quando, em 24 de junho de 1894, Sante Caserio esfaqueou fatalmente o Presidente da República, Sadi Carnot, em Lyon, e enviou uma foto de Ravachol para sua esposa no dia seguinte.

Não mencionei Sacco e Vanzetti porque eles foram executados sem nenhuma evidência contra eles, mas eles eram muito próximos de Galleani. Mesmo Schmidt e van der Walt não parecem totalmente convencidos de sua inocência (veja *Black Flame*, p. 129).

Mencionemos também Michele Angiolillo, outro italiano que assassinou o primeiro-ministro espanhol em 1897. E o assassinato em 1901, por Leon Frank Czolgosz, do presidente americano McKinley: este último assassinato incitou os Estados Unidos e as oligarquias americanas reunidas na Conferência Pan-Americana de 1902 a coordenar seus esforços para organizar uma vasta ofensiva anti-anarquista (e anti-trabalhador) em todo o continente. Tudo isso fez pouco para promover a causa da emancipação humana. Basear a “estratégia” de um movimento político na vingança que alguns de seus membros realizam, individualmente e por iniciativa própria, contra pessoas que simbolicamente ou não representam a autoridade do Estado, ou mesmo contra pessoas inocentes, é absurdo: simplesmente não podemos falar de “estratégia”.

Há um verdadeiro fascínio por Ravachol no movimento anarquista, mas esquecemos de dizer que ele não foi condenado à morte por seus ataques, mas por ter assassinado um homem de 93 anos em condições terríveis. Quanto a Émile Henri<sup>94</sup>, ele era um jovem novato no movimento anarquista, que não sabia muito sobre ele e que, na minha opinião, estava claramente sofrendo de instabilidade psicológica.

Em vez de reivindicar Galleani e seus seguidores como “grandes figuras” ligadas a “tradições importantes no anarquismo” (*quem* decidiu que essas eram “tradições importantes”?), seria mais apropriado fazer uma análise racional, histórica e contextual para tentar entender como tais desvios puderam ter surgido no movimento anarquista. Galleani representa o pior que poderia ter acontecido ao movimento anarquista: os anarquistas individualistas, pelo menos, lutaram por reivindicações, condescendentemente chamadas de “estilo de vida”, mas algumas das quais tiveram efeitos perceptíveis na vida das pessoas em áreas como a luta contra o patriarcado, em favor de contracepção, higiene, pedagogia, etc.).

Penso que o insurrecionalismo não foi uma “corrente” propriamente dita do movimento anarquista, mas uma deformação, como o individualismo. Em outras palavras, não há de um lado o anarquismo “social” ou “de massa” e do outro o “anarquismo insurrecionalista” – uma ideia encontrada em Schmidt-van der Walt. A doutrina anarquista é um todo coerente que inclui tanto a definição de uma atividade em organizações de massa quanto na chamada organização “especificamente” anarquista, e que acima de tudo determina as relações entre esses dois tipos de organização.

A doutrina anarquista inclui uma teoria do indivíduo e uma preocupação particular a respeito da questão do indivíduo, assim como inclui uma teoria da insurreição como um modo de ação possível entre outros, *dependendo das circunstâncias* – mas, nesse caso, trata-se realmente de insurreição, não de um ato individual. Não há, portanto, necessidade de criar um “anarquismo particular” para individualistas e outro para insurrecionistas. A insurreição é um dos modos de ação do anarquismo, entre outros, aplicável quando as circunstâncias o tornam possível e necessário. Nada mais. Em qualquer caso, não é uma “estratégia”. Em qualquer caso, é um engano descrever como atos “insurrecionais” atos que são apenas obra de indivíduos isolados.

Bakunin havia alertado seus amigos italianos contra tais iniciativas: em uma carta a Celso Cerretti, ele escreveu que “a revolução não deve ser desonrada por um movimento sem sentido e a ideia de uma revolta revolucionária não deve cair no ridículo”.<sup>95</sup> O “insurrecionalismo” anarquista, isto é, o ato de violência individual, não é uma *estratégia* adotada por um *movimento*, é a escolha de indivíduos que não veem outra saída senão a violência: é, se preferir, uma estratégia de desespero, mas tal estratégia nunca fez avançar a causa proletária.

<sup>94</sup> Veja: Walter Badier, *Émile Henry – De la propagande par le fait au terrorisme anarchiste*, éditions Libertaires.

<sup>95</sup> Carta a Ceretti, 17 Março de 1872.

O período de ataques anarquistas em todo o mundo não teve resultados positivos, não provocou amplo apoio das massas; No entanto, isso resultou em um aumento sem precedentes na repressão estatal e levou ao isolamento dos anarquistas e à construção de uma imagem negativa da qual o movimento ainda sofre hoje. David Berry fala de forma notavelmente acurada da “lógica circular do martírio e da vingança”.<sup>96</sup>

*(A ser seguido)*

---

<sup>96</sup> David Berry, *Le mouvement anarchiste en France, 1947-1945*, Editions libertaires.

## Table des matières

|  |    |
|--|----|
| Comentários sobre “Black Flame”.....                             | 1  |
| Observação.....  | 7  |
| PRIMEIRA PARTE: MICHAEL SCHMIDT E LUCIEN VAN<br>DER WALT.....    | 7  |
| Definição de anarquismo.....                                     | 8  |
| Categorizando Tipos de Anarquismo.....                           | 10 |
| Respeitar o princípio da não contradição.....                    | 13 |
| Nascimento do anarquismo?.....                                   | 15 |
| O que o anarquismo não é.....                                    | 20 |
| Anarquismo: uma ciência?.....                                    | 32 |
| “Anarquismo de massas” e “anarquismo insurrecionalista”<br>..... | 36 |
| Propaganda por ação.....   | 43 |
| Terrorismo ou insurreição?.....                                  | 45 |